

HABONIM DROR BRASIL 75^{anos}

ENTUDE
IANÉ
DIVER
IZAD
MÍLIA
AÇÃU
VÃO CO
ESPONSA
ONISMO
DIZADO
VIDA FAM
KIBBUTZ
CULTURA
TCHAPT
NACIONA
MEU NOSS
HISTÓRIA

VIVER CRIATIVID
RUAÇÃO EDUCAÇÃO UNIÃ
IDADE MOVIMENT
PIONEIRISMO VIAGE
REALIZAÇÃO
ATIVISM
ANISMO
HIP
LA
MUNDIA
AMOR
LEGADO

MUSEU DO HOLOCAUSTO.

SERIA MELHOR SE NÃO PRECISASSE EXISTIR.



museu do
Holocausto 
CURITIBA | BR

WWW.MUSEUDOHOLOCUSTO.ORG.BR

 @MUSEUSHOACURITIBA

 @MUSEUDOHOLOCUSTO

 @MUSEUHOLOCUSTO

 @MUSEUDOHOLOCUSTO

 @MUSEUDOHOLOCUSTO

HABONIM DROR APRESENTA:



MESSIBA IT
75 ANOS

SUMÁRIO

Mi Anachnu.....	4
Linha do Tempo.....	6
A Chegada e a Difusão do Habonim Dror Pelo Brasil.....	11
O Seminário da Lapa.....	15
Mulheres no Dror: As Orquídeas da Tnuá Ontem e Hoje.....	17
O Habonim Dror e as Nossas Possíveis Viagens no Tempo.....	20
Kibbutz Bror Chail.....	23
O Dror na Minha Vida.....	26
A Tnuá e a Ditadura Militar.....	27
O Dror Durante a Ditadura Militar.....	29
Tnuá em Movimento.....	32
Os Pioneiros de 1967.....	33
Shnat 1987.....	37
A Tnuá e sua Responsabilidade em ser um Espaço Seguro para Chaverimot.....	39
Como o Dror Impactou a sua Vida?.....	41
Dror em uma Palavra.....	43
Agradecimentos.....	45

Caro leitor,

Nós somos a shichvá de Magshimim de 2020, responsáveis pela idealização e preparo desta revista, elaborada para comemorar os 75 anos do Habonim Dror no Brasil. Esse projeto surgiu a partir da dificuldade que enfrentamos no ano de 2020, devido à pandemia mundial, de arrecadar fundos para o nosso shnat que será em 2021. Assim, diante desse momento complicado que vivenciamos, unimos a nossa vontade de produzir um conteúdo comemorativo e educativo da nossa tnuá ao nosso desejo de poder concretizar o tão esperado shnat no ano que vem. Como resultado de um momento de crise aliado à nossa vontade de realização, criamos esta revista que agora você tem em mãos.

Gostaríamos de agradecer à toda nossa shichvá que se envolveu com o projeto, à Hanagá Artzi e ao Peil, que em tempos tão difíceis se dedicaram à realização deste documento. Além disso, não podemos deixar de mencionar e agradecer a todos os ex-bogrim e chaverimot que toparam participar e disponibilizaram seu tempo para esta produção.

Nessa revista procuramos trazer pontos importantes da história da nossa tnuá desde sua criação até a atualidade, relacionando períodos diferentes vivenciados pelo Habonim Dror Brasil e seu impacto nas diferentes gerações que passaram pela tnuá.

Todo esse trabalho não seria possível sem a ajuda de vocês, através de entrevistas, pesquisas e todo um esforço diário. Esperamos que esta revista traga um sentimento de pertencimento a todos que passaram e continuarão passando pela tnuá. À toda a Kehilá Habonim Dror, muito obrigado e boa leitura.

Alê Ve'Haghsem
Magshimim 2020 (Guiborei Atid)





Há 75 anos, jovens
do Habonim Dror
sonharam com um país
seguro para os judeus.



Hoje vocês são parte de um sonho realizado.

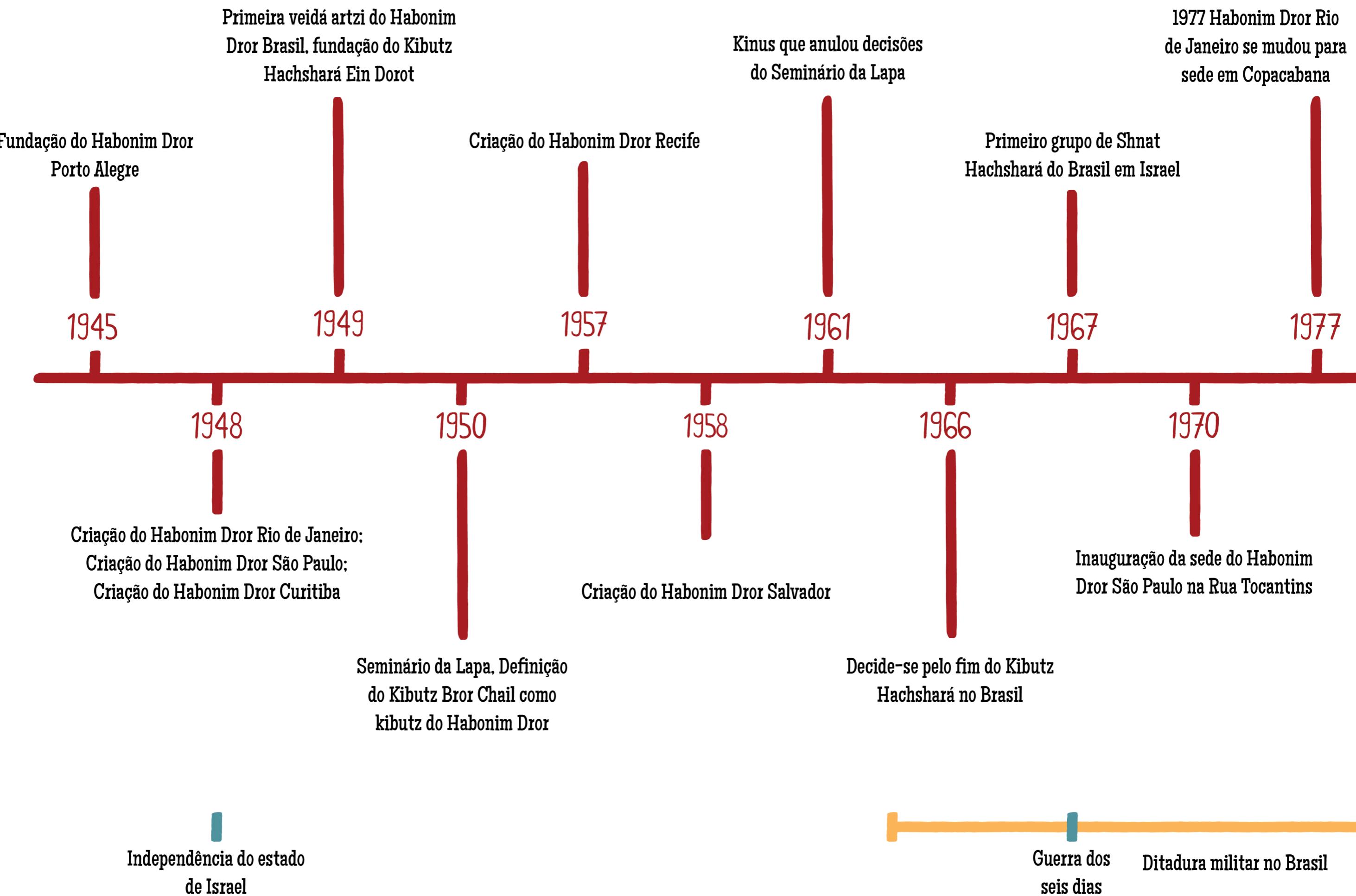
Nós, da StandWithUs Brasil, damos os parabéns a cada chaver do Habonim Dror Brasil. Queremos estar juntos neste e nos próximos anos, aprendendo e ensinando sobre Israel, promovendo a diversidade de pensamento e mitigando preconceitos, acreditando sempre que a educação é o caminho para a paz.

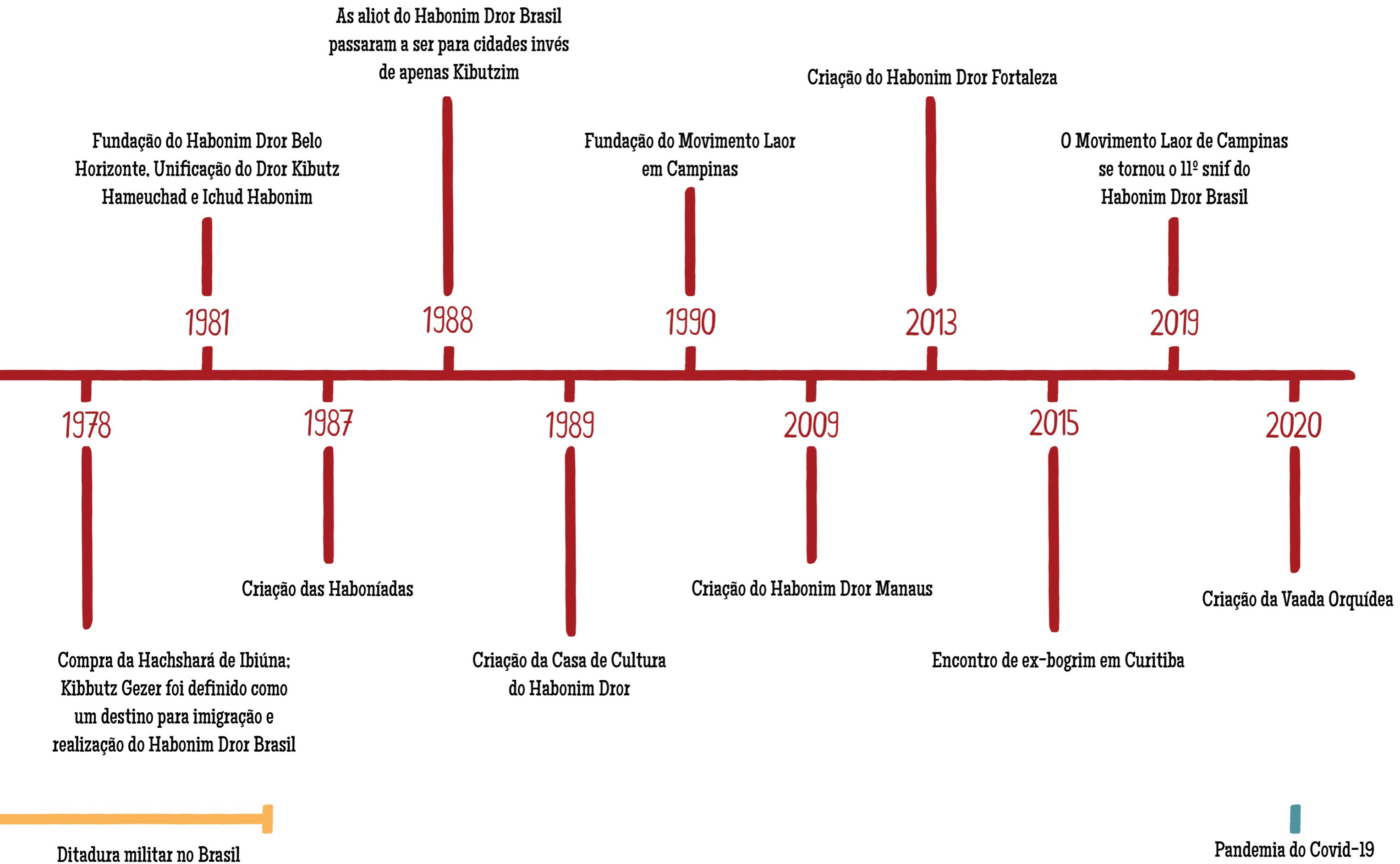
StandWithUs
BRASIL



LINHA DO TEMPO HDBR

Construímos essa linha do tempo baseada nos momentos históricos do Habonim Dror Brasil que serão abordados ao longo dessa revista.





A CHEGADA E A DIFUSÃO DO DROR PELO BRASIL

Nessa matéria, escrevemos sobre o contexto da vinda do Habonim Dror para o Brasil e a fundação dos snifim pelo país.

Por Betânia Demétrio e Pedro Gerchmann

da Europa, eram assimilados e não demonstravam muita conexão com as suas raízes. Tal situação mudou drasticamente com as notícias que chegavam sobre os horrores cometidos pelos nazistas contra os judeus, que não distinguiam os assimilados dos não assimilados. Foi

diante de tal cenário que houve um movimento tão forte de maior valorização da identidade judaica, levando à criação dessas instituições. Junto a isso, a tragédia da guerra também foi determinante para que muitas pessoas desenvolvessem um sentimento de inquietação com o mundo e buscassem em diversas ideologias formas de torná-lo um lugar melhor. Entre a comunidade judaica, houve um fortalecimento do sionismo, e muitas pessoas passaram a ver como necessário para a sobrevivência do povo judeu o estabelecimento de um estado judaico.

Muitos jovens idealistas sonhavam em fazer aliá para concretizar os seus valores, dentre os quais vários juntavam o seu sionismo com valores socialistas, de modo a identificar no kibutz a representação máxima das suas crenças. Foi em meio a esse almejo por mudança e ao surgimento de diversas novas instituições sionistas, possibilitado pela abertura política resultante do fim da ditadura do Estado-novo, que o Dror chegou ao Brasil. Um movimento que mostrava ser, não apenas uma instituição que estimulava o convívio entre judeus e a identidade judaica, mas também uma organização ideológica que, juntando valores sionistas e

Por que o Dror veio para o Brasil?

Para entender as razões para o Dror ter estabelecido sedes no Brasil, é preciso compreender os fatores históricos. Durante o contexto da Segunda Guerra Mundial, instituições e grupos focados no convívio entre judeus e no mantimento das tradições judaicas ganharam muitos adeptos no país sul-americano, entre os quais, muitos jovens. Até então, grande parte dos jovens de origem judaica, geralmente filhos de imigrantes

socialistas, buscava fazer a diferença no mundo hebraico por meio da aliaí kibutziana (para um kibutz) e chalutziana (pioneira).

Como foi a criação dos primeiros snifim?

O Dror foi, pela primeira vez, fundado no Brasil em 1945 na cidade de Porto Alegre, por chaverimot que conheceram o movimento na Argentina. Lá, o Dror já existia há 10 anos, formado por imigrantes da Polônia. Entretanto, antes da tragédia do holocausto ser mundialmente conhecida, a América do Sul não era a prioridade do movimento sionista. Os judeus da Europa passavam por mais dificuldades e, na América, os que mais podiam financiar o movimento estavam nos EUA. Por isso, somente a partir de 1945, o Dror se espalhou pelo Brasil. Começou em POA e foi sendo levado cada vez mais para o norte. 1948 foi o ano de fundação dos snifim de Curitiba, de São Paulo e do Rio de Janeiro, influenciados por Porto Alegre. No caso do RJ, por exemplo, dois chaverimot gaúchos, Efraim Bariach e Maurício Kerz, hospedados pela família do futuro jornalista Alberto Dines, fundaram o snif com a aderência de jovens simpatizantes do sionismo socialista vindos de diversas associações da comunidade judaica carioca. Nos anos 1957 e 1958, os snifim de Recife e Salvador, respectivamente, foram criados; 1981 foi o ano de fundação do snif Belo Horizonte e, mais tarde, também houve a fundação dos snifim mais recentes, Manaus, Fortaleza e Campinas, respectivamente, em 2009, 2013 e 2019. O último surgiu da integração da antiga tnuá Laor com o Habonim Dror.

Após esse texto contextualizando a criação dos snifim, trouxemos duas entrevistas com chaverimot que estão inseridos na realidade de suas comunidades, eles podem nos contar mais detalhes e

sus perspectivas sobre a tnuá em cada lugar.

Entrevista com Rafael Stern, ex-boomer do Snif Rio, Shnat 2007 e fundador do Snif Manaus:

. Como foi o processo de levar o Dror pra Manaus e qual a importância dele? Quais foram as principais dificuldades? – A relação da comunidade judaica de Manaus com o Habonim Dror é mais antiga do que o próprio snif. Por volta do ano 2000, uma chaverá de Manaus que queria passar um tempo em Israel fez o shnat pelo Dror. Quando ela decidiu fazer aliá, se instalou no kibutz Hatzirim, onde vive até hoje. Após sucessivas falas ao longo dos anos sobre uma aproximação da comunidade de Manaus com o Dror, o sheliach Uri Carmel, em 2009, voltou de uma visita representando a Agência Judaica em Manaus para resolver questões de aliá, dizendo que a comunidade estava interessada em avançar de vez com essa longa ideia. Um dos critérios para a comunidade de Manaus convidar o Dror foi a atuação eficiente da tnuá em nível nacional, tanto em comunidades pequenas, como nas grandes – o que frequentemente é citado como muito importante nas conferências da CONIB, causando muito boa impressão na dirigência da comunidade de Manaus. Além disso, o caráter plural do Habonim Dror, sabendo lidar bem com as múltiplas identidades judaicas em seus diversos âmbitos, como o judaísmo cultural e o sionismo, foram também critérios importantes. A comunidade judaica de Manaus viu nisso uma oportunidade de integrar seus jovens num contexto mais amplo e diverso no mosaico judaico brasileiro, podendo expressar melhor suas particularidades, sendo mais reconhecida, e também estando atualizada nas tendências.

Ficou decidido portanto, em meados de 2009, que dois seminários de introdução seriam realizados. O primeiro aconteceu no início de setembro, e o segundo em novembro. Desde então, sábados periódicos começaram a ser realizados, mas a necessidade de um peil mekomi se mostrava cada vez mais evidente. Eu estava no fim do meu segundo ano de bagrut. Não achava que era tempo de sair da tnuá, mas já sentia que tinha feito coisas demais no snif Rio de Janeiro, e, portanto, minha perspectiva de atuação no meu snif natal já não me estimulava tanto. Cultivei por algum tempo a ideia de ser

peil em Recife. Quando a ideia não se concretizou, o sheliach e a mazkirá artzit da época (Raizel Rechtmann) me ajudaram a fazer a óbvia transferência da vontade para o lugar que, como se revelou em sequência, tinha muito a ver comigo! Após participar do seminário em setembro de 2009 e de uma machané em fevereiro de 2010, em março de 2010 já estava morando em Manaus.

Algumas dificuldades encontradas incluiram uma resistência de algumas pessoas a mais uma ideia de atividades para jovens, depois de sucessivas ideias que não emplacaram. Além disso, o Dror existe no Brasil por 65 anos antes de chegar em Manaus, com uma estrutura e tradições solidificadas e profundas. No entanto, a comunidade judaica na região norte existia por mais de 200 anos de forma contínua, e também tinha certas tradições e expectativas. O encontro desses dois rios foi um pouco como o encontro dos rios Negro e Solimões, que dá origem ao rio Amazonas bem onde fica Manaus – as águas diferentes não se misturam num primeiro momento, mas ao longo de certa distância juntas, se integram e formam o maior, mais deslumbrante e vivo rio do mundo, numa mistura diversa dos seus elementos mais lindos. Cabe também ressaltar que um dos primeiros focos que tive que ter foi na questão da guizbarut – como manter certa independência da gerência central da comunidade, e ao mesmo tempo nos manter ligados a ela numa simbiose bonita, mas sem paternalismo.

Qual foi o impacto do Dror na comunidade judaica de Manaus? – Certamente essa pergunta pode ser melhor respondida pelos chaverimot da comunidade de Manaus. Alguns dos pontos que me permitem ressaltar são os seguintes: o Dror rapidamente foi percebido como um marco importante na educação judaica dos jovens de Manaus. Os madrichim do Dror eram quase que automaticamente também escolhidos para serem os educadores da escola judaica de Manaus. A sinagoga de Manaus, funcionando como um verdadeiro *Beit Knesset*, um espaço de congregação, sempre destinou um espaço importante para o Dror dar seus recados, apoiando de todas as formas a organização e divulgação de machanot, seminários e atividades, e sempre dedicando um espaço para o Dror organizar e se manifestar culturalmente nos marcos culturais



Snif Porto Alegre
em evento 1979

judaicos, como chagim e o ciclo da vida. Um dos momentos mais emocionantes que tive foram em sucessivas cerimônias de Bar e Bat Mitzva, em que o nosso tradicional “Kol Hakavo-od” era entoado por todos, jovens e adultos, no meio da sinagoga.

Entrevista com R'phael Lima Sabá Guimarães Vieira, da Kvutzá Shnat 2021, do snif Manaus, chaver dos dias atuais do snif:

O que o Snif Manaus significa pra ti? – O Dror de Manaus tem vários significados pra mim, mas o primeiro que vem a memória é família. O Dror é um movimento que me acolheu desde criança, participei ativamente dos primeiros sábados de Dror que o snif já teve como chanich e agora, participei como madrich. A tnuá é uma família, pois sempre que precisei eu tive chaverimot do Dror pra me apoiar. Com toda certeza, muito do que eu me tornei, desde uma questão de ideologia a caráter, grande parte disso eu devo ao Dror, ou seja, o movimento me ensinou muito e continua me ensinando até hoje.

Entrevista com Ivan Schejtman, ex-boquero do Snif Fortaleza, Shnat 2016:

Olá! Meu nome é Ivan Schejtman, fiz Shnat em 2016 com a queridíssima Shichvá Et Hashinui e em 2018 tive a incrível experiência de ser Mazkir Artzi e poder representar a Tnuá a nível nacional junto dos meus companheiros de Hanaga.

Por que em Fortaleza? Início do processo. – O Dror em Fortaleza nasceu efetivamente no ano de 2013. Existia já há algum tempinho uma demanda por nossa parte, da juventude judaica na comunidade, por ter um espaço próprio, independente e também um lugar onde se expressar. Depois de algumas conversas entre nós, o Dror e a própria Diretoria da comunidade judaica aqui em Fortaleza, o casamento fechou certinho: além de condizer bastante com o que imaginávamos e pensávamos construir, o Dror é a Tnuá com maior alcance no Brasil, e além da importância de nos sentirmos parte de algo maior, existia uma rede de apoio que foi essencial pra nos guiar ao longo de todo esse tempo.

E assim foi, em 2013 com cinco Mordim sem nada de Hadrachá mas com muito comprometimento (e muita ajuda!), fomos levando até aqui, orgulhosíssimos de todo nosso ciclo na Tnuá e do que deixamos como legado pro Snif Fortaleza, e pro *Ha-bonim* Dror Brasil.

Dificuldades durante o processo. – A maior dificuldade que eu via na época, era claramente a imposição de uma cultura Tnuati. Estamos falando de famílias que em sua maioria, nunca antes haviam vivenciado o maravilhoso mundo do Dror. Isso era um empecilho que em alguns momentos nos prejudicava. Por incrível que pareça, normalizamos coisas que não são tão normais assim: há de se ter muita confiança pra deixar o filho de 8, 9 anos nas mãos de jovens inexperientes durante uma machané!

Além disso, essa falta de cultura e histórico Tnuati também se refletia em outros lugares, como no próprio shnat, na assiduidade aos sábados como algo primordial...

Assim, outra dificuldade que tínhamos era na presença dos chanichim. Por ser uma comunidade minúscula, era muito desmotivador ver um madrich preparar o sábado com toda a dedicação pra na hora H seus chanichim faltarem.

Por outro lado, diferente de outros Snifim estávamos soltos pra criar o que quisermos ali, sem estruturas tão fixas e livres de quaisquer vícios que possam existir em outras cidades.

Impacto da fundação do Dror na comunidade de Fortaleza. Na época da fundação e em Dias atuais. – Acho que justamente a institucionalização do Dror como espaço da juventude na comunidade é, de fato, o maior impacto. Na época de fundação, conquistamos um espaço muito respeitado ali. Tínhamos voz e participação em todo tipo de evento e isso se mantém até hoje. Vejo também que o Dror muitas vezes acaba sendo, por meio dos chanichim, uma ponte de aproximação de algumas famílias não tão assíduas à comunidade ou ativas no judaísmo, da linha que for.

Mais de uma vez vimos acontecer da criança arrastar os pais pra sinagoga e não o contrário. Pense bem: realmente, pros pais, o simples fato de ter que ir pra algum Chag porque sim ganha muito mais significado quando filhos são partícipes ativos de alguma atividade do Chag.

É muito mais significativo estar presente quando seu filho organiza ou participa ativamente de uma parte do evento.

Isso é a beleza da Tnuá na comunidade, isso é judaísmo, e isso é fantástico.

O SEMINÁRIO DA LAPA

Em 1950 os chanichim do Dror se reuniram e decidiram coletivamente que iriam deixar de lado os ensinos acadêmicos para se concentrarem na preparação para a vida no kibutz. Esta matéria busca, por meio de entrevista e reflexões, entender os motivos dessa decisão, suas consequências e sua importância para os dias atuais.

ler fragmentos de memória sobre o Dror é sempre interessante e esclarecedor, e mesmo que cada experiência tenha suas peculiaridades, muitas vezes são encontrados vários pontos comuns em diferentes relatos. Um exemplo disso é que quando lemos os relatos dos chaverimot que eram parte do Dror na década de 50 e participaram do famoso seminário da lapa, enxergamos como este encontro foi de fato decisivo não somente na vida dos que estavam presentes no seminário mas para todo o futuro e a história do Habonim Dror. Mas afinal, o que fez este seminário ser tão importante? E de que maneira as decisões tomadas por aquela geração influenciaram suas vidas e o futuro do movimento?

Antes de falar sobre o seminário da lapa, é preciso destacar as questões que levaram à convocação deste encontro. Fazia apenas dois anos que o Estado de Israel havia sido criado, e muitas das famílias judias que tinham vindo para o Brasil há al-

guns anos começavam a criar expectativas para o futuro de seus filhos no país. Além disso, era evidente que quando os chanichim ingressavam na universidade eles criavam laços cada vez mais fortes com o Brasil e com sua vida na diáspora, muitas vezes deixando o Dror e o sionismo em segundo plano. Por conta disso, o movimento se encontrava em um verdadeiro dilema: Se por um lado era importante que os chanichim estivessem na academia recebendo uma boa educação, por outro este envolvimento acadêmico os distanciava da alíá.

Foi visando resolver estas questões que o seminário foi convocado. E nele foi decidido que os chaverimot deveriam deixar o ensino acadêmico de lado e optar por um ensino profissionalizante que os preparasse para a vida no kibutz e, principalmente, os permitisse dedicar mais tempo à tnuá. Dessa forma, os chanichim se profissionalizaram e depois de algum tempo chegou o momento deles fazerem alíá e viverem em um kibutz.



Para entender melhor algumas destas questões conversamos com Vittorio Corinaldi, que é ex-chaver do Dror e participou do seminário da lapa. Nascido em Milão no ano de 1931, Vittorio foi um dos chaverimot escolhidos para dar continuidade aos estudos acadêmicos, e por isso cursou arquitetura no Brasil. Depois que se formou, ele mudou para Israel e lá vive até hoje.

De que maneira o Dror influenciava no modo de vida dos chanichim? – Creio que a resposta varia de indivíduo para indivíduo. Mas é certo que naquele dado momento, nossa identificação era total e autêntica (isto é, não provinha de imposições externas ou de uma formulação dogmática).

Quais dilemas estavam presentes no movimento? – O grande dilema que se colocou frente aos chaverimot naquela ocasião era como garantir uma continuidade de ação e como se manter fiel ao caminho apontado pelo movimento, Aliá e Kibutz. Como você mesmo diz, os estudos universitários eram um fator que tendia a afastar desse caminho, e a seriedade dos objetivos, que era ainda mais acentuada pelos acontecimentos históricos da época, exigia uma dedicação integral à militância do movimento. Refletindo hoje sobre o assunto, acho que o que se chamou de "proletarização" (ou seja, escolha de estudos profissionais não acadêmicos mais voltados para a vida no kibutz) foi mais uma fórmula tática de corte da rotina dos estudos, do que uma busca de um efetivo treinamento profissional. Deve ter tido seu peso também a visão ideológica que preponderava no Snif São Paulo, que dava mais ênfase ao lado socialismo, e menos aos aspectos de renascimento cultural judaico.

As resoluções do seminário da lapa foram colocadas no dia a dia do movimento?

– A decisão do seminário da Lapa se tornou formadora da rotina do movimento, principalmente na shichvá mais adulta. Foi formado o que chamamos de "Shituf", que era uma caixa comum à qual cada um entregava seus ganhos, visando manter os chaverimot numa estrutura de comuna, mais ou menos inspirada na imagem do kibutz a que aspirávamos. Não será muito difícil para você imaginar quanto esse período não tenha sido exatamente o de uma dieta de engorda...

Houve resistência às resoluções do seminário?

– O que posso dizer é que a decisão foi angustiante para cada um dos participantes. A medida de aceitação variou segundo a personalidade de cada um, segundo a reação encontrada em casa, e segundo a maior ou menor posição de responsabilidade na dirigência do movimento. E houve os que

com pesar deixaram a tnuá.

– Para encerrar, quero dizer que o seminário teve uma influência enorme sobre mim. E embora possa alguém dizer que, tendo sido indicado para a continuação dos estudos, eu não posso avaliar a profundidade da decisão para aqueles que mudaram seu caminho, posso em vez afirmar com consciência segura de que eu a teria muito provavelmente aceito, com os mesmos conflitos internos mas com a mesma fé com que meus companheiros a aceitaram. E, em paralelo com os estudos, continuei ativo no movimento e, com a Aliá, pude pôr em prática minha visão profissional totalmente voltada para o kibutz.

A importância do Seminário da Lapa na atualidade da tnuá

O contexto mundial em que o Dror está inserido mudou muito desde a década de 50 até os dias de hoje, mas alguns dos dilemas que estavam presentes naquela época e motivaram a convocação do seminário da lapa persistem até hoje. Quando soube que antes da realização do seminário da lapa muitos chaverimot deixavam a tnuá em segundo plano quando entravam na universidade, não pude deixar de pensar que é muito comum, ainda hoje, que o Dror seja de fato deixado de lado por algum tempo quando os chanichim estão em ano de vestibular. Além disso, os dilemas sobre aliá que permeavam entre os jovens daquela época seguem sendo amplamente debatidos dentro da tnuá.

É possível dizer que o mundo e o Dror mudaram muito desde a realização do seminário, porém arrisco dizer que duas coisas não mudaram: A primeira delas é que nós, chaverimot, continuamos discutindo infinitamente sobre as mais variadas questões, desde o envolvimento com a tnuá até o futuro do povo judeu. A segunda coisa é que o Habonim Dror segue formando jovens capazes de movimentar e alterar o ambiente em que estão inseridos, pois independentemente de onde estejam eles podem, e sabem que devem, trabalhar coletivamente para um mundo melhor.

"Nós éramos um dos melhores movimentos do mundo. Como eu fui secretário geral do movimento mundial eu posso dizer isso com certeza. Nós criamos, nós conseguimos trazer para o movimento o elemento, o jovem judeu mais competente" (Dov Tzamir, 2011)

Agradecimento especial à associação dror, ontem e hoje.



MULHERES NO DROR: AS ORQUÍDEAS DA TNUÁ ONTEM E HOJE

Através de textos e relatos sobre o passado e o presente, contaremos sobre as conquistas das chaverot do Habonim Dror. Com o objetivo de dar voz às mulheres, a essa luta e ressaltar a importância de falarmos sobre isso na tnuá e na sociedade.

Por Betânia Demétrio

Mulheres no Dror da década de 50, trecho retirado do livro "Pássaros da Liberdade": "As mulheres do Dror na década de 1950 também relatam a importância do movimento na inovação do papel da mulher em suas vidas, naquela época as mulheres eram educadas para se casar e achar um bom marido, já as chaverot comentam que casar era algo de menos e que dentro do Dror se sentiam abertas para expressar suas opiniões".

Entrevista com Roseane Tachlitsky:

Roseane tem 66 anos, é psicóloga e atriz. Foi do snif Recife, mazkirá em 1970/71. Tem 3 filhos, Fábio, Mirella e Paula. Todos foram do Ichud Habonim. Na comunidade trabalhou muito com Rikudei am. Foi diretora do grupo de danças folclóricas Letzirah e dirigiu várias Leakot em Recife. No momento continua trabalhando como psicóloga, faz teatro e danças circulares.

Como foi quando você foi eleita mazkirá? – Foi bem tranquilo, mas dentro de um período muito tenso. Éramos um grupo pequeno, muito unido e comprometido com o ressurgimento da tnuá em Recife. Em 1967 não existiam mais movimentos juvenis na cidade. Estávamos em plena ditadura. Max Luterman foi para o Machon e quando voltou convidou alguns jovens da comunidade para refundar o Ichud Habonim. Tínhamos entre 15 e 20 anos. Começamos a nos organizar e fizemos uma grande messibá para toda a comunidade em novembro de 1968, como início do nosso trabalho. Dividimos os cargos da maskirut entre nós e também éramos os madrichim. Assumi como maskirá em 1970.

O que isso significou pra luta na época e para você? – Sinceramente, não dei muita atenção na época ao fato de ser mulher. Tanto na tnuá quanto em minha casa, não fazíamos muita distinção de gênero em relação às tarefas. Fui criada, sendo a mais velha com 2 irmãos meninos e meus pais não faziam esse tipo de diferença. Era um tempo de grande efervescência no mundo pelos direitos das mulheres. Isso sempre foi muito claro e importante para mim. Em 1969 fui fazer 6 meses de intercâmbio nos EUA. Foi quase um "escândalo" na comunidade. Meus pais ficaram preocupados e temerosos (lembrem-se, era uma época sem internet, telefone precaríssimo, comunicação por carta). Mas eu insisti e fui. Eu estava nos EUA no ano de Woodstock, de Hair, dos movimentos estudantis contra a guerra do Vietnã, do movimento hippie, do homem pisando na lua. Voltei mais empoderada ainda. Para mim sempre foi muito claro que a luta por direitos iguais era absolutamente indispensável e na tnuá isso era uma verdade.

Qual a importância do feminismo pro Dror diante disso? – Para o Dror (Ichud Habonim na época) ao lado dos ideais sionistas e socialistas, a igualdade de gênero era inquestionável. Nem discutíamos isso. Talvez mais do que hoje em dia, era natural no nosso grupo. Sutiás foram queimados, as mulheres saiam de casa para trabalhar fora, foi descoberta a pílula anticoncepcional e as mulheres, pelo menos no nosso meio, estavam cada vez mais conscientes da necessidade de serem livres e com direitos iguais.

Não estávamos muito interessadas em afa-zeres domésticos. Queríamos estudar, trabalhar e viver a vida.

"Para mim sempre foi muito claro que a luta por direitos iguais era absolutamente indispensável e na tnuá isso era uma verdade."

Mande um recadinho para todas as mulheres, tanto as da tnuá como as que não são.

– Queria aqui agradecer muito por vocês terem me procurado e me feito relembrar um período tão importante e especial da minha vida. Fiz Shnat em 1972. Do Recife fomos 4. Três chaverimot e só eu de mulher. Éramos 18 do Brasil no total. Quando voltamos ao Brasil continuaram tempos difíceis. Muita repressão política, muita dificuldade para reuniões, machanot. Trazíamos tochnot escondidos nas malas, em viagens de ônibus ou avião de São Paulo, da Hachshará... Tivemos que queimar muitos livros na



Roseane nos ombros dos chaverimot de sua shichva em fevereiro de 1972, ao chegarem em Israel para iniciar seu Shnat no kibutz Haon, nas margens do Kineret.



Roseane (canto direito) e seus companheiros de shichvá em reunião da kvutzá shnat '72 em novembro de 2012, São Paulo.

calada da noite e oficialmente nós dizíamos Grêmio Cultural do Colégio Israelita. Mas foi um marco na vida de cada um de nós. A tnuá foi decisiva na formação de nosso caráter e de nossos corações para sempre. Vem dela amizades sólidas e duradouras. Amigos de uma vida inteira.

Hoje temos um grupo no Whatsapp – Shnat 72 – e nos falamos todos os dias, 48 anos depois. Nos reunimos em São Paulo quando fizemos 40 anos do Shnat e foi absolutamente emocionante.

E hoje tenho muito orgulho de tudo que fizemos e do que vocês continuam fazendo. Em Recife, nunca mais deixou de existir o Habonim Dror. E os meninos e meninas aqui, fazem um trabalho lindo!

Especialmente para as chaverot quero dizer que se na época não dei muita importância ao fato de ser a primeira maskirá mulher de snif do Ichud Habonim, hoje acho que foi um marco e tenho muito orgulho disso. Continuem trabalhando pelos nossos ideais. Aproveitem muito tudo de bom que a tnuá nos proporciona. Acreditem, é pra vida toda! Ale ve' Agshem!

Roseane fez história, foi a primeira mazkirá mulher do Brasil, na hanagá do snif Recife. A partir de Roseane, aos poucos o Dror passou a ter cada vez mais mulheres em cargos de liderança, chegando ao ano de 2020, com cinco de dez snifim tendo como mazkirá uma mulher, além do cargo artzi ser ocupado por mulheres há dois anos consecutivos.

Atualmente:

Como um movimento que se propõe a educar jovens e crianças, entendemos que incluir temas como o feminismo na nossa educação é essencial para a construção de uma educação e um movimento equalitários. Portanto, é essencial que o Dror continue apoiando essa luta, por meio de atividades, eventos como palestras e encontros com diferentes mulheres e outras tantas iniciativas, como esta matéria.

Recentemente, várias propostas para tornar a tnuá um ambiente mais confortável foram implementadas:

. No ano de 2016 o Dror oficializou no Guia Político o posicionamento da tnuá sobre feminismo.

. Na veidá artzi de janeiro de 2020, a proposta da Vaadat Orquídea foi aprovada e já está oficialmente ativa. A Vaadat Orquídea é um grupo responsável por combater a violência contra a mulher dentro da tnuá e se responsabiliza que as mulheres não tenham seu espaço tirado dentro do movimento. Além da vaadat, outras duas propostas muito importantes que envolvem a segurança de todos na tnuá também foram aprovadas.

É dever de todos os chaverimot contribuírem para que a tnuá se torne um ambiente seguro e confortável para todos.



O HABONIM DROR E AS NOSSAS POSSIVEIS VIAGENS NO TEMPO

Visões de Mazkirimot Artzi do Habonim Dror com a diferença de 20 anos possibilitam uma reflexão entre os momentos da tnuá.

Por Ana Beatriz Zugman com depoimentos de Duda Slud e Dafna Akstein



A partir da ideia da revista e com o início deste projeto, analisamos muitas questões históricas do Habonim Dror Brasil e mergulhamos nas diferentes décadas de sua existência. A partir desses momentos de estudo e conversas no zoom, muitas vezes me pegava pensando sobre as similaridades dos questionamentos, pautas e dilemas dos chaverimot do Dror que viveram em épocas tão diferentes. Podemos observar, como exemplo, as diversas discussões sobre a ideologia do movimento, que se deram de maneira diferente dependendo do contexto histórico a qual estavam inseridas. Entretanto, apesar de acontecerem em momentos muito distintos, muitas vezes apresentavam pontos convergentes importantes.

Dessa maneira, percebendo essas similaridades e diferenças, podemos entender como usar a nossa história para compreender melhor os acontecimentos e discussões da atualidade da nossa tnuá. A partir do estudo e reflexão do passado, de uma verdadeira viagem no tempo, é possível trazermos aspectos que nos ajudem a tomar decisões e discutir novas pautas dentro do movimento.

Assim, percebendo a importância e responsabilidade que temos ao realizarmos viagens no tempo pela história do Habonim Dror, proponho uma reflexão a partir dos textos de dois Mazkirim Artzit de nossa tnuá. Duda foi Mazkir Artzit em 1999 e Dafna é a atual Mazkirá do Dror Brasil e ambos falarão a seguir sobre suas experiências como mazkirim artzit na tnuá sob contextos muito diferentes.

Aproveitem essa viagem no tempo!

Shalom!

Hoje gostaria de escrever sobre a melhor escola que tive na vida. E olha que já estudei em muitas diferentes.

Se você disser que foi o Israelita, onde iniciei minha vida acadêmica e fiz amigos para toda a vida, onde passei em torno de 12 anos da minha vida, não vai estar errado. Mas também não vai acertar. Depois de lá estudei no CEFET, quem me conhece sempre me pergunta, como assim? Você, estudando exatas? É... já tive essa fase na vida. Serviu muito, principalmente para saber exatamente o que eu não queria fazer da minha vida e isso é muito importante.

Lá também fiz amigos para toda a vida, mas também não foi a minha escola mais importante. Depois fiz faculdade de publicidade, aí já mais com a minha cara, também fiz amigos para sempre, mas também não foi a onde mais aprendi. Olha, isso não quer nem de longe dizer que não acredito no ensino formal, acho parte superimportante da vida, mas como podem ver, mais que do que tudo eu sempre valorizei as amizades. Fui deixando um rastro de amigospela vida, e tenho certeza de que lá no final é isso que vai sobrar na peneirada de tudo.

Por isso considero, sem o menor medo de errar, que minha escola mais importante foi sim onde eu realmente vivi. Onde fiz os melhores amigos de uma vida e certamente de onde tenho mais saudade. Sou um cara muito movido pelas emoções e apesar de ter um lado racional muito presente, não consigo falar de aprendizado na vida sem citar com honras o Habonim Dror.

Lá foi quem eu realmente descobri quem eu sou. Onde tive a possibilidade de me testar, aprender, ensinar, evoluir e participar do crescimento de muita gente. Hoje olho prá trás, e lembro com muito carinho e saudade de com quantas pessoas aprendi e de quantas pessoas ensinei.

O caminho dentro do Dror é longo, mas eu fiz questão de aproveitar cada dia, cada momento e cada fase. Me pediram para falar do meu tempo de Mazkir Artzi, mas acho absolutamente impossível fazer isso sem contar essa pequena historinha. Me assustei quando disseram que iam pedir para alguém que foi Mazkir no início do Século para escrever algo, mas é assim que é né.

Fui Mazkir Artzi no ano de 1999 e me orgulho muito de dizer que fui o primeiro a liderar este movimento sendo de fora de São Paulo. A experiência de estar à frente deste grupo é realmente indescritível, ser a cara a representar algo deste tamanho para mim não tem e nunca teve medida para expressar.

Naquele momento éramos: Eu, Edu e Fefe. Três grandes amigos de Shnat tendo como sonho tornar nosso movimento aquilo que era para nós, sem dúvida a coisa mais importante daquela época. Isso sem dúvida estreitou os laços de amizade e responsabilidade entre nós, foi algo sem dúvida incrível. Tínhamos também um super sheliach, Shuki, que era um leão para nos defender e um monstro para nos ajudar em tudo o que precisávamos. Shuki morreu de câncer anos depois deixando um legado sem igual nas nossas vidas.

Naquele tempo tínhamos ainda a Hachshará, um ponto de encontro marcante que fazia com que Edu e eu nos despencássemos, ele da Bahia e eu de Curitiba, para nos encontrarmos de 3 a 5 vezes por ano em reuniões presenciais cansativas, mas superdivertidas e enriquecedoras para todos nós. Quem sabe esse tenha sido um dos motivos que fez com que Edu seja um dos meus melhores amigos até hoje. É impossível fazer um trabalho voluntário deste tamanho sem ter alguns dos seus melhores amigos por perto. Por outro lado, é muito inspirador poder fazê-lo.

E o mais impressionante é que quanto mais a gente faz, mais grato a gente se sente e mais vontade de fazer a gente tem. Então de verdade, me considero um privilegiado em ter realizado este trabalho. Sou feliz de ter tido esta oportunidade. Sem dúvida contribuiu demais para me tornar quem eu sou hoje, me ajuda a educar minhas filhas e moldou a maneira como trabalho e levo minha vida.

Obrigado Tnuá por tudo o que me proporcionou viver e compartilhar com os outros, porque afinal, de acordo com Sócrates, "Só é útil o conhecimento que nos torna melhores" e só quem compartilha seu conhecimento, é digno de tê-lo.

Aleh Veagshem!

Duda Slud, Mazkir Artzi 1999.



Shalom Kehilat Habonim Dror!

Primeiro, gostaria de dizer o quanto orgulhosa estou de todos os magshimimot que organizaram essa incrível revista em comemoração aos 75 anos dessa tnuá que amamos tanto, Habonim Dror.

Segundo, vou me apresentar porque acredito que muitos não me conhecem e quero tentar ficar o mais perto de todos e todas. Eu sou a Dafna Akstein e sou mazkirá artztat atualmente, mas entendo e sei que sou muito mais. Sou alguém que durante muitos anos na tnuá tentou entender o seu lugar nela, fui coreógrafa das lehakot do dror, madrichá de shichavot tzeirot e bogrot e também dos bogrim. Ao longo da minha trajetória fui me encontrando cada vez mais nos tafkidim (cargos) mais estruturais, como de rosh vaadat, rosh machané, chaverá hanagá e agora mazkirá, no qual tenho me realizado e me encantado com a magia desse movimento mais e mais a cada dia.

Mas hoje não vim falar sobre mim, e sim sobre a experiência de ser mazkirá em 2020, no ano de 75 anos do Habonim Dror Brasil.

O ano começou cheio de animação e com uma machané central incrível, com shichavot felizes e madrichimot cansados, mas muito realizados. A



hanagá artztat tinha acabado de se formar, nosso sheliach (João Miragaya) estava se preparando para dar tchau ao Brasil, os seminários hasnif de bogrim e shichavot bogrot estavam programados para acontecer e a animação de um ano novo de tnuá estava nas alturas.

Todos os planos aconteceram, até primeiro e segundo sábado de atividades tivemos e foram incríveis. Renovar a sensação de estar no Dror e realização de mais um sábado concluído com muito sucesso veio, mas foi bruscamente cortado por conta do COVID-19.

Nossas atividades presenciais foram interrompidas, seminários cancelados, machané central adiada e aquela saudade do Dror, de encontrar os chanichimot, madrichimot e a kvutzá só aumentava.

Mas nada disso nos fez recuar. Começamos a aprender a viver nessa nova dinâmica, o online. Como fazer uma atividade para guiborim pelo zoom? como utilizar aquela peulá sobre hadrachá para os mordim? foram muitas perguntas e inúmeras respostas, mas seguimos firmes.

A quarentena continuou e nossas atividades também, fizemos projetos, Hanagá Convida, seminários online, machanot de shichavot tzeirot online, tudo organizado com muito amor, vontade e significado.

O Dror não para, nunca parou, enfrentamos as dificuldades e nos mantemos sempre fortes e juntos. Me orgulho de ser mazkirá artztat nesse ano tão estranho e diferente do que estamos acostumados, me orgulho em ser madrichá e repensar sobre educação não formal em um espaço online e me orgulho mais ainda dos chaverimot dessa tnuá que se reinventaram e construíram, em 2020, um espaço lindo e significativo para todas e todos.

Alê VeAgshem!
Dafna Akstein, Mazkirá Artzi 2020

KIBBUTZ BROR CHAIL

Entrevista com Marcelo Mittelmann Por Pedro Kuhn Gerchmann

Bror Chail é um kibutz que está diretamente conectado com a história do Habonim Dror Brasil. Durante muitos anos, brasileiros da nossa tnuá fizeram aliá para o kibutz, tornando-o conhecido por ter uma cultura brasileira muito forte na sua essência. Para falar conhecemos um pouco melhor essa parte da nossa história, fizemos essa entrevista com Marcelo Mittelmann, que foi chaver do nosso movimento juvenil em Porto Alegre e fez aliá para Bror Chail.

Como é a vida no kibutz Bror Chail?
Mudou muito desde que você foi morar aí? – Hoje temos uma vida boa no kibutz. A grande maioria das pessoas trabalha fora. Temos uma privatização bem grande, incluindo nossas moradias. Temos um número bem grande de vatikim que hoje estão aposentados, mas, por outro lado, nos últimos dois, três anos recebemos quase 50 famílias novas, muitas das quais de filhos dos antigos membros, e ainda tem fila de espera. Isso só mostra que o kibutz é muito atrativo. Quando cheguei, o kibutz era como antigamente, 100% coletivo e 500% mais pobre do que hoje. Chegamos ao risco de fechar indo à falência. Mas isso é passado, mudamos e para muito melhor. Agora, somos uma comunidade muito viva, com muita vida social e cultural e não deixamos de lado a ajuda mútua.



Machané seminário de hadrachá 1977 na antiga e histórica hachshara de Jundiaí, onde kvutzot da tnuá fizeram preparação para alia aprendendo agricultura

Qual você diria que foi a influência brasileira no kibutz? – Bror Chail foi fundado em 1948 (o primeiro assentamento fundado durante a guerra de independência) por um garimpo do movimento Hechalutz do Egito (este ano descobrimos que havia alguns membros também do movimento do Marrocos). O movimento do Brasil decidiu por Bror Chail e começou a mandar gente só em 1951. Um negócio bom para os dois lados. O pessoal do Egito (ainda há dois ou três remanescentes vivos entre nós) precisava receber mais gente. O pessoal do Brasil queria um kibutz novo (e acho que sem argentinos, pois haviam tentado Mefalsim com os "hermanos" e não tinha dado certo). Bror Chail foi Meshek Yaad do movimento brasileiro até 1981, aí veio a mudança para Gezer e, posteriormente, Hatzerim. Os últimos bogrei tnuá do Brasil chegaram em meados dos anos 80, depois de saírem de Gezer. Por trinta anos, Bror Chail recebeu os chaverimot do movimento do Brasil e mais brasileiros que chegaram por ser um marco de referência aos judeus do Brasil: "O maior kibutz brasileiro do mundo". Obviamente, 30 anos marcaram o surgimento de uma cultura abrasileirada. Do cheiro de churrasco ao meio-dia dos sábados até o dialeto "portoivrit". Da famosa batucada dos anos 70 e 80 às festas de purim/carnaval e grandes eventos com telões para ver os jogos do Brasil nas Copas do Mundo. Hoje os brasileiros deixaram de ser maioria, mas muito da cultura e do ambiente ficou, com os novos moradores os adotando. É muito engraçado ver dois marroquinos falando entre si "portoivrit".

O que te levou a fazer aliá? Como a tnuá influenciou nessa decisão? – Desde muito cedo entendi que havia algo errado e que eu estava no local errado. Aos 6 anos de idade, tive que estudar o primeiro ano primário em uma escola pública pois era muito jovem para o CIB (Colégio Israelita Brasileiro, escola judaica de Porto Alegre) me aceitar. Entrei no segundo ano primário no CIB. Nessa escola, mais de uma vez fui ameaçado por outros alunos e até fui apanhado uma vez por ser judeu. Me recusei a ir à aula de religião com o padre. Durante a Guerra de Yom Kipur, quando a coisa estava feia para Israel, eu tinha a sensação de que estavam destruindo minha casa, acompanhava dia a dia os noticiários. Nessa época, entrei para a tnuá (sai dos escoteiros, onde, para receber "promoção", tinha de participar de uma missa). e me achei em casa. Muito vocabulário hebraico, música em hebraico, falava-se bastante de Israel etc. Posteriormente, já mais consciente de minhas ações, vim ao shnat-machon já com as intenções de tirar a prova e tomar a decisão. Quando voltei, já estava decidido.

Quais são as suas melhores lembranças como chaver do Habonim Dror? – São tantas que quase não dá para contar. Começa com as amizades, depois com as atividades e, até mesmo, as infundáveis discussões ideológicas. Tudo virava discussão ideológica com a gente: se trancar com chave o cheder tarbut era democrático ou não? Se participar de uma atividade da comunidade era sionista ou não? Mas acho que o "mais-mais" era a sensação de realização depois de cada atividade ou empreendimento bem sucedido.

Como a tnuá influenciou na sua identidade judaica? – Acho que a tnuá me deu um marco judaico que me faltava até então. Meu avô, Saul Mittelmann, por quem fui muito influenciado, era um judeu polonês nascido em uma família ultra-ortodoxa e chegou a ser chazan. Mas, na Polônia, foi mudando de ideologia, passando pelo Poalei Tzion e, finalmente, se filiando ao BUND, o partido polonês judaico socialista. Meu avô não frequentava as sinagogas de Porto Alegre, mas foi presidente da casa de cultura ("templo" dos bundistas).

Em casa, não se fazia a janta de shabat nem o seder de Pessach (meu primeiro seder a rigor foi na casa de meu sogro), muito menos se jejuava em Yom Kipur. A identidade Judaica não era religiosa, e sim cultural. Do cultural ao nacional, é um passo não muito grande, pois as coisas começam a se juntar (língua, música, dança, história etc..). Portanto, para ser judeu, o Dror foi a opção ideal, por ser um movimento laico e sionista.

. Quais são os legados deixados pelos kibutzim para Israel? Qual você acredita que é a relevância deles hoje em dia? – Sem entrar naquela história de que os kibutzim guardaram as fronteiras do país, acho que hoje os kibutzim ajudam a guardar outra fronteira, que é a fronteira da periferia, incluindo a periferia social. Os kibutzim, junto com a liderança das periferias não kibutzianas, procuram trazer e elevar o nível de toda a periferia. Desde educação, centros industriais e uma diversa quantidade de projetos comuns com os outros setores regionais.

. Qual você acredita que é a relevância dos movimentos juvenis para o mundo judaico atual? – Uma pequena história no contexto: quando fui sheliach nacional do Dror no Brasil (1992-1994), fui questionado pelo presidente da federação israelita de São Paulo do porquê de ele dever ajudar o Dror, que quer levar toda a juventude da comunidade para Israel. Respondi então a ele: "Somos como um jogo de tiro ao alvo. Uma parte pequena acerta o centro e vai para Israel. Um círculo maior se torna ativista na comunidade (professores de hebraico e cultura hebraica, de dança, organizadores de atividades na comunidade). E, num círculo muito mais amplo, falei a ele que estava trabalhando com cerca de 110 ex-bogrim de São Paulo e que, deles, só havia um casamento misto (o parâmetro usado para medir assimilação). Quantos casamentos mistos tem em sua comunidade? Ele se calou, puxou o talão de cheques e pagou nosso IPTU.

. Que recado você deixaria para os chaverimot do Habonim Dror de hoje em dia? – Movimento juvenil, em sua essência, quer mudar o mundo para melhor. Mudar o mundo só é possível em três formas: 1) revolução armada; 2) política; 3) educação. A escolha pelo movimento juvenil é a escolha pela educação, e educação se comece do mais próximo e menor ao mais distante e maior: comece por você mesmo, mude o mundo mudando a si próprio; depois mude uma pessoa, duas, uma pequena kvutza; depois disso, junto com outros que pensem como você, mude o mundo. Eu ainda estou no estágio dois. Aproveitem outra coisa fabulosa que o movimento juvenil dá a vocês: a autogestão. Não tem como comparar a maturidade de quem cresceu num movimento juvenil com a de quem não passou por essa experiência de vida. Por fim, Israel ainda precisa de vocês. Ainda tem muito o que fazer por aqui, seja pela democracia, seja contra a corrupção, seja por manter este país um país judeu sem obrigação de religiosidade, seja para dar vida digna a todos seus cidadãos sem continuar no rumo ao capitalismo desenfreado dos últimos governos... posso seguir citando, tem muito o que fazer aqui pelo nosso país.



Felipe Haiut (canto direito) com dois de seus companheiros de shichva no kibbutz Hatzerim, Shnat Harshará 2007.

O texto a seguir foi escrito por um ex-chaver da tnuá que passou sua juventude inteira no Dror, fez Shnat em 2007 e, assim como outros, pode ter saído do Dror mas, com certeza, o Dror não saiu dele.

Por Felipe Haiut

Eu tenho muitas memórias da minha vida na Tnuá. E, com frequência, elas se fazem presentes.

O Dror se manifesta na minha vida até hoje seja quando estou escrevendo, atuando ou criando. A sede na Paulo Barreto foi o primeiro espaço onde tive liberdade para experimentar e me expressar artisticamente. Foram muitas messibot, atividades de machané, festivais de dança e seder de Pessach onde aprendi a potência de realizar ideias junto a um coletivo.

Se não fosse pela tnuá, eu não sei qual seria o meu caminho.

Foi um madrich que, depois de uma atividade de pré chug, me puxou num canto e me encorajou a fazer aulas de teatro. Foi ele quem me pegou pela mão e me apresentou a possibilidade do caminho. Estrada que eu sigo até hoje.

Foi também através da tnuá que eu tive contato com o trabalho artístico dentro dos hospitais durante o shnat. Trabalho que, através da Conexão do Bem, realizei há 9 anos nos hospitais da rede pública.

Foram muitos os aprendizados ao longo da minha vida como chaver. Em todos aspectos. É a partir dos valores que eu aprendi ao longo dos 10 anos em que estive ali, todo sábado, que eu me relaciono com o trabalho, com as pessoas e o mundo.

A tradução de tnuá é movimento. Uma vez que esse movimento se inicia internamente, ele não cessa. Esse movimento que fiz parte ainda faz parte de mim. São os valores do Dror que me movimentam hoje em criar e construir novas possibilidades de mundo.

Que esses 75 anos do Dror no Brasil se multipliquem. Vida longa.
AlêVeagshem!

A TNUÁ E A DITADURA NO BRASIL

Em anos de repressão, como o movimento juvenil conseguiu sobreviver a ditadura brasileira.

Por Pedro Santos Sitcovsky

A última ditadura brasileira aconteceu entre 1964 e 1985. Como todos os golpes na América Latina dos anos 60-70, teve planejamento, inteligência, participação e patrocínio dos EUA. Acreditavam os americanos que o Brasil, governado por Jango Goulart (vice na chapa vencedora das eleições de 1961), encabeçada por Jânio Quadros (que renunciou) estava vulnerável e obedecia a cartilha para vir a se tornar um estado comunista.

O movimento tinha quase 20 anos de atuação no Brasil e no Rio de Janeiro estava estabelecido na Rua Otávio Kelly 112, na Tijuca próximo da Praça Xavier de Brito, em um casarão com dois andares, amplo salão central, quatro salões anexos, jardins laterais, pomar, piscina, quadra de esportes imóvel adquirido em 1962, com ajuda das Pioneiras.

Logo que aconteceu o golpe, houve um esvaziamento de chanichim e uma diminuição das atividades. O receio era generalizado e muitas famílias proibiram seus filhos de frequentar o movimento.

Mas ainda não havia uma repressão sistemática. Como os militares se apoderavam do governo federal, as atividades políticas nos estados e municípios seguiam sem grandes mudanças. No Rio de Janeiro, que era até a década de 60 o Distrito Federal, ainda acontecia muita atuação da esquerda.

A Guerra dos Seis Dias acabou nos ajudando os militares brasileiros (já assessorados pelos americanos) demonstraram admiração pela atuação de Israel, menor em número e força, ao vencer uma guerra desigual usando informação, ataques preventivos precisos e logística não convencional. Muitos militares israelenses visitaram o Brasil na sequência, para palestras e explanações.

Empresários judeus se prontificaram a ajudar o golpe temiam o comunismo e viam oportunidades com os militares. Foi assim com os Safra, Safdie, Klabin, Pfeffer, e Adolpho Bloch (revistas) e Silvio Santos (sorteios e varejo), que acabaram recebendo concessões para explorarem a TV.

Só que veio o AI-5. O governo central resolveu dar poderes totais ao Presidente da República, que passou a intervir também nos estados e municípios. Começaram as cassações e a repressão mais forte sobre a esquerda. Os grandes receios fizeram com que se tomassem decisões polêmicas, como:

- . Enterrar os livros esquerdistas da biblioteca;
- . Evitar atividades externas ao snif;
- . Substituir as camisas vermelhas pelo tilboshet azul;
- . Aumentar os muros que cercavam nossa sede;
- . Facilitar a saída daqueles que tinham vínculos oficiais com partidos e movimentos de esquerda.

Na comunidade, tínhamos gente na DOPS (Delegacia da Ordem Política e Social), o presidente da Federação Israelita por mais de 10 anos foi o Sr. Eliezer Burlá, irmão do Almirante Benjamin Burlá, o presidente da Hebraica era o militar Bernardo Nuzman e seu superintendente também era militar Samy Mehlinski. Quem substituiu o Nuzman na Hebraica foi o Coronel Júlio Halfim e desta forma a comunidade manteve um cinturão de proteção e vínculos com a ditadura, podendo continuar com seu modelo estrutural sem grandes adaptações.

Atentados da esquerda (sequestros de embaixadores 1969 e 1970) promoveram uma onda de nacionalismo e diminuição de atividades e peulot. A Guerra do Yom Kippur fez retornar a admiração militar por Israel e manter nossos canais de contato com os governantes. Nossas atividades eram toleradas desde que não se trabalhasse contra o regime.

Em 1975 aconteceu o caso Vladimir Herzog, judeu atuante na esquerda que entre muitas atividades dirigia um informativo na TV Cultura de SP e escrevia coluna no Estadão. Um balde de água fria nas

atividades e muitos meses convivendo com receios e assombrões. Vendemos o snif da Tijuca, até para apagar um pouco nosso passado e durante dois anos funcionamos por favor no ORT (organização racial do trabalho) de Botafogo somente aos sábados. Em 1977, compramos novo snif em Copacabana Gal. Barbosa Lima, 35 (perto da Praça Cardeal Arcoverde).

Em 1978 o Presidente Geisel suspendeu o AI-5. Começavam tímidos sinais de abertura. Retomamos nossas atividades de forma regular e realizamos inclusive manifestações autorizadas pedindo a saída dos judeus da antiga URSS com passeata pela Rua Dona Mariana, até o Consulado soviético e na saída de apresentação do Ballet Bolshoi, na porta do Teatro Municipal. Isso coincidiu com um ambiente de abertura, com a assinatura da Lei da Anistia em agosto de 1979 pelo Presidente João Figueiredo, com o país restabelecendo direitos e se encaminhando para uma abertura, que ainda demoraria até 1985 quando das eleições diretas.

Foi um período negro para a história do Brasil muito ainda vai ser revelado, porque neste tempo (principalmente durante o AI-5, havia censura para tudo imprensa, músicas, ideias) e pouco se sabe do que realmente rolou nos bastidores.

O movimento juvenil, por natureza contestador, teve enormes dificuldades para atuar durante a ditadura, e buscou se adaptar a cada etapa e, se não foi mais participativo no enfrentamento contra o regime local, nosso desafio era realizar em prol de Israel, independente de quem governava por aqui. Diferente da liderança judaica nas comunidades, que se acomodou, usufruiu e compartilhou do bom relacionamento com os militares, nós sempre nos posicionamos pela plenitude democrática, e por isso sobrevivemos.



Chanichim de Porto Alegre utilizando tilboshet em atividade externa, 1979

DROR DURANTE A DITADURA

A visão de um chanich durante um dos momentos mais sofridos da história do Brasil

Por Vitor Pels Aizman



Conversei e refleti com um ex-chaver a respeito de um momento bastante específico da história de nosso país, ele foi um chanich que frequentou o Dror durante a época da ditadura no Brasil e presenciou praticamente todo esse período dentro do Movimento. Ele compartilhou comigo e falou sobre diversas experiências e memórias que ele viveu naquela época atípica do país.

Em 1964, após um golpe de estado, os militares assumiram o governo brasileiro e impuseram uma ditadura militar no país que perdurou por 21 anos, até que a democracia finalmente conseguisse voltar a ativa no país. Durante esse período os movimentos no Rio de Janeiro e no Brasil inteiro continuaram com seu funcionamento semanalmente e foram um espaço muito importante para os jovens, onde poderiam ter mais liberdade, opiniões críticas e falar também sobre diversos assuntos que eram mal vistos dentro de um país comandado por militares. O Habonim Dror no RJ (na época ainda separado en-

tre Ichud Habonim e Dror Kibutz Hameuchad), com sedes divididas entre Copacabana e Botafogo, manteve suas atividades durante todos esses 21 anos de regime militar e garantiu a educação de centenas de crianças e jovens que passaram pela tnuá, preservando boa parte dos seus ideais e repassando-os a seus chaverimot de forma a continuar formando jovens críticos e informados a respeito da história de Israel e dos judeus.

Tive a alegria de falar com Alberto Cohen, chanich que viveu grande parte de sua infância/adolescência dentro do movimento durante o regime militar no Brasil. Ele aceitou dividir suas histórias e memórias, para contribuir com o nosso projeto. Durante a conversa, ele relembrou muitos momentos os quais passou na tnuá, respondendo também algumas perguntas.

Naquele tempo, Alberto disse que não era um adulto e muito do que se falava era escondido deles, porque haviam coisas muito veladas e escondidas, o que tornava diversos assuntos muito restritos. A vida era assim, não se podia falar mal do governo, não podia fazer qualquer tipo de manifestação que não fosse entre pessoas conhecidas, e se houvesse qualquer pessoa estranha, já não era mais falado.

O Tilboshet era muito usado e consistia na blusa azul com a fita vermelha na gola, mas quando saíam era sempre evitado a fita vermelha a fim de não fazer uma possível alusão ao comunismo na época. Outra lembrança dele foi uma ocasião em que houve uma ameaça do DOI-CODI contra o pessoal do Dror e que o Sheliach, junto do Mazkir, tiveram que fechar durante um fim de semana para que pudesse conversar e evitar que houvesse uma ação mais forte pra cima do movimento. Naquele contexto, era muito usado o artifício do sionismo, na

tentativa de desviar dos assuntos do chalutzianismo, kibutzianismo e da relação que o socialismo tinha com os kibutzim na época. O movimento sionista judeu naquele momento era muito voltado para a ideia de levar gente para o kibutz, tanto é que existia em São Paulo uma fazenda da Hachshará, a qual tinha um treinamento com foco nos kibutzim, e era já uma forma de vida bastante coletiva assim como seria em um kibutz. Isso era obviamente proibido aqui, eles não podiam divulgar isso abertamente, mostrando para a sociedade externa ao movimento apenas o lado sionista, que tinha como objetivo levar os jovens para Israel. Pouco se falava sobre o lado kibutziano e seu funcionamento interno, porque existia um medo de se falar sobre esses assuntos e sobre como eram educados dessa forma dentro do movimento.

Nascido em 1963, o Alberto foi criado já dentro da ditadura e durante muito tempo, até a época que entrou na faculdade, ficou sem poder falar nada e acabou se acostumando a essa censura auto imposta, sem criticar absolutamente nada do regime. Ele diz que o Dror já tinha um comportamento fechado dentro dele, e quando eles saíam, evitavam falar sobre kibutz e outros assuntos que poderiam ser mal interpretados, acabando por falar mais sobre judaísmo, para tentar desviar a atenção do governo. Ele cita também que tudo era muito direcionado na educação dentro do Dror e até seus 17 anos, idade até a qual ficou na tnuá, além de ser criado dentro dessa política, sempre se evitou falar e comentar sobre o movimento do "lado de fora".

As coisas eram lá dentro, a gente podia conversar sobre isso dentro de uma peulá, mas fora da peulá não se falava tanto assim.

O Dror funcionava normalmente, tinham atividades? – Funcionava normalmente, foram raras as ocasiões que teve que interromper por causa disso, geralmente a Mazkirut e os mais velhos bloqueavam muito as informações para a gente e simplesmente diziam que não iria poder funcionar naquele dia porque tinha uma ordem da polícia e acabava que ninguém ia. A gente sabia que em alguns fins de semana havia acontecido isso e antigamente por ser muito mais ativo, 70/100 pessoas era comum em um shabat, machanot com shichavot que dificilmente tinham menos de 40 crianças. Geralmente as machanot eram 70/80 pessoas para uma shichvá só, em comparação com os dias atuais, então realmente fazia falta na vida das crianças nesses momentos em que não podíamos nos reunir.

Você acha que o Dror surgia como um espaço seguro naquela época? – Sim, com certeza. Era um espaço onde a gente podia falar um pouquinho de política, era o único lugar em que isso era permitido, porque fora de lá não se falava, nem na escola e nem em nenhum outro lugar. O único lugar que a gente tinha realmente para discutir era dentro do Ichud e do Dror, fundidos

nessa época de ditadura e gradativamente se juntando até se tornarem um só, mas era realmente o único lugar em que se podia falar sobre isso. Essa liberdade e abertura para discutir formou muitas cabeças com certeza, porque como era um grupo grande, discussões políticas só aconteciam lá dentro, não tinha outro espaço que não o Dror. Inclusive esse era mais um motivo pelo qual tomávamos bastante cuidado, porque conversávamos muito sobre política de kibutz, políticas socialistas, era o lugar onde aprendíamos sobre isso. Isso tudo não se restringia somente ao Dror, outros movimentos como Hashomer Hatzair também fomentavam discussões dentro de suas sedes.

Muitas pessoas eram quietas em todo lugar, mas dentro dos movimentos conseguiam se soltar e participar de conversas e discutir, foi uma coisa muito marcante. Ele diz que ia ao Dror também para discutir política, porque fora de lá não havia como fazer isso.

. Vocês tinham medo de alguma coisa? Alguma ameaça? – Sempre havia esse medo, além do antisemitismo que se mostrava muito presente naquele tempo e que incluiu ameaças com bombas que ocorreram em todos os movimentos juvenis, foi uma coisa bastante assustadora que impossibilitou a gente de ir ao movimento e que aconteceu durante uma época bem fortemente, mas mais relacionado a antisemitismo, sem envolvimento do governo.

Por outro lado os grupos dos movimentos juvenis sempre fizeram muito barulho e chamavam atenção, mas em nenhum momento ele se lembra de ter agido ou reagido contra o regime. Quando ele começou a entender mais e discutir, as coisas já estavam arrefecendo com o Figueiredo, mas antes disso ainda era muito pesado e velado com Geisel no governo

Era um momento em que a gente não podia, por exemplo, extravasar aquele lado kibutziano, como nos dias atuais

. Você lembra porque ia ao Dror? Qual era a motivação? – Tinham muitos motivos, mas primeiramente por conta da família 100% sionista, meu pai e meus irmãos fizeram parte do Dror (Ichud Habonim) assim como grupos de amigos, ele também levou amigos de escola que acabaram frequentando depois, mas sempre foi um lugar onde se discutia política numa época em que fazer isso era proibido. Muita gente ia por que era o único lugar onde podia se soltar, então tenho certeza que muitos iam buscando esse espaço de fala.

Antigamente o movimento no Brasil era muito relacionado a isso (kibutzim), então imagina na época da ditadura um movimento kibutziano, era tudo que não podia ninguém ver!

A gente apresentava aquilo pra sociedade como um movimento sionista, e a nossa defesa sempre era essa, judeus que querem ajudar Israel, mas nunca dizíamos que tínhamos relação com kibutz

Alberto também comentou sobre seu irmão mais velho, Dib Cohen, que era muito mais ativo na época como madrich e como Mazkir também, muito conhecido no movimento, ele chegou a ir a Israel naquela época pelo Dror e coleciona diversas histórias sobre sua vida na tnuá.

Gostaria de agradecer ao Alberto Cohen pela participação e por ter aceitado o convite de conversar e compartilhar suas memórias e experiências dentro da tnuá, sua contribuição foi de extrema importância. Você fez parte da história do nosso movimento e, assim como muitos outros, tem orgulho de tudo que ele faz até hoje.

TNUÁ EM MOVIMENTO

O impacto da mudança em nós e no movimento

Por Caroline Beraja

Todo processo de mudança é difícil. Deixar o que é familiar e confortável para trás e passar por uma transição desconfortável com o objetivo de atingir um ideal é, na maioria das vezes, um grande desafio. Na tnuá, porém, esse processo não é só necessário como também ocorre de forma natural. A palavra "tnuá" significa "movimento", o que indica o constante esforço de não estagnação. Os chaverimot, que estão inseridos na sociedade, acompanham as transições que nela ocorrem e os novos questionamentos que surgem, levando-os para o ambiente tnuati.

O Habonim Dror, como tnuá educacional, possui, atualmente, um programa estruturado para a educação de seus chaverimot, o Hagshem. "Hagshem" significa "realizado", o que identifica uma educação voltada para a realização dos ideais. O programa atual é uma reestruturação, que ocorreu entre 2011 e 2013, do Projeto Macacos, de 1998, que já havia passado por outras reestruturações e, em 2006, ganhou o nome atual. Assim como quase tudo na tnuá, a educação também passa por mudanças. Nem todas são grandes e profundas mas, por vezes, há tantas pequenas mudanças e tantas coisas importantes que precisam de alteração que se faz necessária uma mudança grande e profunda, como foi a última reestruturação do Hagshem.

Nas primeiras discussões, em 2011, a Moatzá Chinuchit percebeu que havia dissonância entre os ideais, previstos no estatuto, e o processo educativo. O tema do Chalutzianismo, em sua interpretação tradicional, era o foco da tochnit de machané "Chalutziut", mas não era mais um foco que os chaverimot buscavam dar em seu processo educativo. Percebeu-se, também, que parte do conteúdo e questionamentos passados não contemplavam parte dos ideais. Temas como racismo e questões de gênero não estavam previstos no programa educativo (apesar de serem abordados em outros momentos). Além disso, o programa não estava consolidado em todo o Brasil, pois seu formato tinha uma rigidez que impossibilitava sua aplicação completa em todos os snifim.

Então, durante 2012 e 2013, bogrim de todo o Brasil trabalharam para reformular o Hagshem e fazer com que este, sem perder a essência da ideologia tnuati, entrasse em consonância com os ideais e tivesse um novo formato, mais flexível. Novas tochniot foram produzidas e aplicadas e, até hoje, vêm sendo revisadas para que haja melhoria e não haja estagnação.

Eu, que passei pelo processo educativo antigo, mas fui bogueret durante os primeiros anos da implantação do programa reestruturado, não fiquei na tnuá tempo suficiente para ver profundas mudanças. Algumas consequências foram mais visíveis à época, como a linha de raciocínio lógica das tochniot e peulot, que faziam mais sentido para os madrichim e eram mais aplicáveis nos diferentes snifim; como muitas mulheres mais novas com consciência de gênero; entre outras. Houveram críticas também, claro. Poucas transições são perfeitas. Mas acredito no impacto da educação e sei que a atual e as próximas gerações foram e serão influenciadas pela geração que reestruturou o Hagshem. Sei, também, que haverá outras reestruturações no futuro, além das alterações que já ocorrem atualmente. A educação, na tnuá, não é só o alvo da mudança, mas é também agente.



OS PIONEIROS DE 1967



Conversamos com ex-chaverimot que participaram do primeiro Shnat Hachshará realizado pelo Habonim Dror Brasil. Esses chalutzimot (pioneiros), que viveram em Israel por um ano, passando pela Guerra dos Seis Dias, compartilharam suas experiências e esclareceram alguns aspectos importantes sobre esse período tão inesquecível de suas vidas e da história da tnuá.

Karine Wajnsztok Brasileiro
e Luca Melnick Fisbein

Em 1966, foi tomada uma importante decisão na Tnuá. Os maapilimot do movimento, pela primeira vez, seriam mandados para o Shnat Hachshará em Eretz Israel. Desde 1948, a forma adotada de hachshará (preparação para a Aliá) era a fixação do grupo de maapilimot por um ano no kibutz hachshará, um local de preparação que formasse o chaver ou chaverá para uma futura vida no kibutz. Este local se situava a 16 km de Jundiaí, em São Paulo. Porém, durante a realização do Seminário da Lapa, surgiu uma resolução sobre o melhor caminho a ser tomado em relação à preparação para Aliá. Ficou decidido, então, que seria melhor enviar os chanichimot para a hachshará no kibutz em Israel, para que houvesse maior coerência com os ideais e metas do Habonim Dror. Assim, o Kibutz Bror Chail tornou-se a grande base do movimento brasileiro em Eretz Israel.

Além disso, o Habonim Dror Brasil passava por uma crise sionista na época e teve que enfrentar uma fase de enfraquecimento e maturação. Este fator influenciou fortemente na decisão de mudança da até então vigente hachshará de Jundiaí para o Shnat Hachshará em Israel.

Assim, em 1967 partiu o primeiro grupo de shnat do Habonim Dror Brasil para Israel. Esse processo é realizado até hoje, com inúmeras mudanças e evoluções que ocorreram com o passar dos anos. Vale ressaltar que, durante esse período, o Brasil enfrentava a Ditadura Militar e entre os dias 5 a 10 de Junho de 1967 foi travada a Guerra dos Seis Dias. Desta forma, esses dois acontecimentos contribuíram ainda mais para a singularidade do shnat de 1967.

Tivemos o enorme prazer de conversar com Jeanette Frenkel, Paulina Pinsky, Penina Jablonka e René Lapyda, ex-chaverimot que fizeram parte do primeiro Shnat Hachshará e aceitaram dividir sua experiência conosco. Durante a conversa, os chaverimot compartilharam histórias, aprendizados e opiniões a respeito do Shnat além de responder algumas perguntas propostas por nós.

. Como Surgiu a Ideia de Mandar o primeiro grupo a Israel, para o Shnat Hachshará, visto que isso nunca havia ocorrido anteriormente na Tnuá no Brasil? – Até aquela época, o movimento mandava os grupos para a experiência de hachshará em Jundiaí, onde tinha uma fazenda enorme que pertencia à coletividade. Assim, todo grupo de maghsimimot do Habonim Dror permanecia lá por um ano se preparando para uma futura vida no kibutz após a aliá. Os chaverimot entrevistados acreditam que, essa forma de preparação para uma futura aliá através da hachshará no Brasil, apesar de benéfica para a construção de relações pessoais e experiências de vida, destoava da realidade kibutziana em Israel; os verdadeiros kibutzim se encontravam bem mais desenvolvidos do que a fazenda em Jundiaí.

Desta forma, em meados dos anos de 1960, com a Ditadura Militar instalada em 1964, a Hachshará em Jundiaí foi interrompida e decidiu-se pelo Shnat Hachshará em Israel. Na época dessa decisão, pouca gente estava ativa no movimento. Jeanette conta que, apesar de sua kvutzá do Snif Rio de Janeiro ser grande, muitos desistiram de fazer o Shnat de última hora. Paulina compartilhou que não era muito ligada ao movimento nem à Israel, porém foi convidada para frequentar as reuniões com uma amiga e acabou se familiarizando com os outros chaverimot, resolvendo fazer o Shnat. Penina já frequentava o Ichud Habonim (nome do movimento na época), morava em Niterói e encontrava-se um pouco afastada do movimento, porém decidiu que ir para Israel seria uma experiência imperdível.

“Já estava na faculdade, mas achei que seria legal um ano longe, um ano em Israel. E foi maravilhoso, inesquecível”, contou Penina. “Não chegamos aqui em Israel como um grupo formado, não tínhamos uma ligação de grupo, éramos individuais, nem nos conhecíamos”, afirmou Jeanette.

. Como funcionou a viagem? Quais foram suas etapas? – René nos conta sobre a longa viagem de navio até Israel, que teve a duração de 18 dias. O ex-chaver contou que teve bastante tempo para se dedicar à leitura e relembrar as paradas na viagem junto com os outros ex-chaverimot. Eles contam que receberam um presente de um homem judeu na parada em Lisboa. Cada um ganhou uma roupa de malha da fábrica desse homem, que se emocionou ao ver o grupo de jovens judeus viajando rumo a Israel. Os chalutzimot contam também que tinham Ulpan (estudo de hebraico) já no navio.

“Uma das coisas mais lindas pra mim foi quando o navio estava se aproximando de Israel, de manhã bem cedo, no porto de Haifa, e avistamos os montes de Haifa bem na nossa frente. Aquela visão era lindíssima, eu estava muito emocionada!”, contou Jeanette.

Quando o navio finalmente aportou em Israel, os chaverimot foram levados até o Kibutz Bror Chail em um caminhão. Jeanette relembra que em Israel, naquela época, se viajava sempre de caminhão e diz que a viagem até o kibutz foi longa e desconfortável devido à acomodação nos bancos de madeira. Eles nos contaram sobre o primeiro falafel que comeram, em uma parada na metade do caminho até Bror Chail.

Ao chegar no kibutz, o grupo de jovens teve que pular direto na lama para descer do caminhão e Jeanette contou rindo que perdeu seu sapato quando pulou.

Essa foi a primeira coisa que lhe aconteceu no kibutz. Já instalados em Bror Chail, todos relembraram a aventura que fizeram à gaza logo após a Guerra dos Seis Dias.

“São várias experiências, todos nós temos nossas experiências em comum, mas cada um tem sua própria experiência. Cada um criou seu próprio mundo lá”, contou Penina.

Os chaverimot passaram alguns meses no kibutz Bror Chail e alguns meses no kibutz Yotvata. O programa previsto para eles não foi completamente seguido e sofreu algumas alterações devido à Guerra dos Seis Dias, chegando ao fim em dezembro de 1967.



Como foi vivenciar a Guerra dos Seis Dias durante o Shnat, estando em Eretz Israel? Como isso afetou a programação de vocês? – Antes da eclosão da guerra, viveram-se 15 dias de tensão: os pais dos chaverimot estavam muito preocupados com os filhos e queriam que eles retornassem ao Brasil para que pudessem ficar em segurança. Porém, praticamente todos decidiram permanecer em Israel.

“No dia em que começou a guerra, a gente tinha ido trabalhar cedo. Voltamos todos para o cheder para descansar, quando de repente apareceram na porta e avisaram que a guerra havia começado e que todos deveriam se reunir”, contou René.

No kibutz, durante a guerra, os chaverimot tinham reuniões todos os dias no cheder haochel (refeitório) para que as notícias e atualizações do conflito fossem anunciados e todos pudessem se manter informados sobre o decorrer da guerra. Jeanette frisa que a tensão era enorme nesses dias e lembra de ir até a estrada do kibutz para observar os tanques de guerra passarem. Apesar de todo o medo e tensão, os chalutzimot contam que muitas vezes tratavam o momento pelo qual estavam passando como uma brincadeira e interpretavam tudo aquilo com certa inocência. “Quem de nós sabia o que era aquilo? O que era uma guerra? Ninguém sabia”, afirmou Paulina.

Cada um dos chaverimot recebeu uma missão no kibutz no decorrer da guerra. Trabalhavam para ajudar a manter a ordem e compensar a falta daqueles que haviam sido convocados para o combate. René conta ficou encarregado de carregar trincheiras, das quais o kibutz estava cheio.

“No primeiro dia da Guerra eu estava no bunker dos bebês e quando saí para a parte de fora eu olhei o céu e vi ele todo vermelho. Eu pensei: Nossa que céu lindo! Era apenas uma criança, uma menina tão inocente que nem tinha ideia de que aquilo eram bombas explodindo bem na nossa cara”, contou Jeanette.

“Foi uma experiência inacreditável, ter passado a Guerra dos Seis Dias lá, ter estado lá durante a guerra” contou René.

Qual a Importância que esse ano de Shnat teve na vida de vocês?

– Jeanette afirma que sua experiência foi singular pois ela foi para Israel por motivos apenas ideológicos, era muito adepta ao sionismo. Porém, após o Shnat, acabou permanecendo para estudar em Israel e construiu sua vida em Eretz. Hoje em dia ela mora no kibutz Bror Chail, tem duas filhas e oito netos.

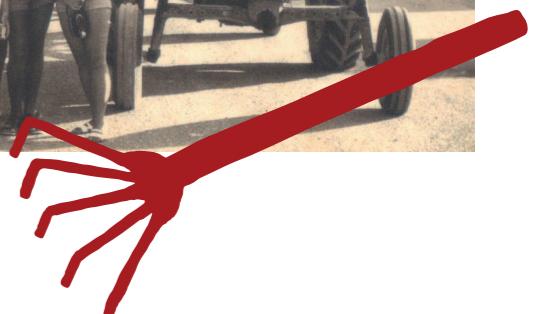
René nos trouxe uma outra visão: “Eu nunca mais voltei para Israel com medo de ver uma outra Israel que não fosse a que eu conheci. Pensei que ia perder a memória que eu tenho de lá.”

“Israel ficou pra mim como sendo um sonho de vida, e continua sendo”, nos contou Penina.

“Depois do Shnat fiquei com vontade de morar em Israel”, disse Paulina que fez aliá com seu marido, mas acabou retornando para o Brasil algum tempo depois. Todos os ex-chaverimot afirmam que ir para o Shnat Hachshará foi uma das melhores experiências da vida e que são muito gratos por tudo o que passaram durante esse ano em Eretz Israel. O Shnat Hachshará teve um significado imenso na vida de todos eles, especialmente por terem sido os pioneiros e terem vivido essa experiência em um ano tão singular.

Prestamos nossos sinceros agradecimentos aos chaverimot Jeanette Frenkel, Paulina Pinsky, Penina Jablonka e René Lapyda por terem contribuído de maneira tão enriquecedora com nosso projeto. Obrigado por terem compartilhado suas experiências únicas conosco. Foi uma oportunidade incrível para nós. Vocês ficaram para a história do nosso movimento.

Paulina, Jeanette, Penina, Rene e Julinho (voluntário no kibbutz vindo de Curitiba)



Marisa, Paulina, Penina, Renee e Penina em Yotvatah.



Passeio da shichvá no Neguev

SHNAT 1987



No shnat do ano de 1987, depois de passar por uma operação em Israel, a chaverá Lorena Melnick veio a falecer. Em homenagem a ela, foram criadas as Haboniadas, dias de jogos em que as shichavot bogrot de todos os snifim competem, sendo um evento que eterniza o nome dela no Habonim Dror.

Por Ilana Lerner

Esse ano ficou marcado na história da tnuá e, principalmente, na minha família. Infelizmente, não pude conhecer a minha tia Lorena, mas, pelo jeito que falam dela, tenho certeza de que era uma pessoa muito especial. Para falar sobre esse ano em Israel, convidamos a Ilana Lerner, melhor amiga da Lorena e uma pessoa que, embora não seja de sangue, considero da minha família. – Luca Melnick Fisbein

Nem que chova canivete, Shnat Machon 87. Durante todo o ano de 1986, eu, Lorena, Lana e Nando cantamos esse grito de guerra, ansiosos para o que seria o ano mais importante da nossa vida. E foi.

O ano do shnat é um si, uma daquelas experiências que são definitivas na nossa vida, que nos marcam profundamente. Um ano de crescimento interior, de aprendizado, de conhecer outra realidade, de estar em Israel, a lista é imensa.

1987 chegou e, no dia 4 de março, lá fomos nós e mais 23 pessoas do Brasil inteiro rumo ao nosso sonho.

Nos primeiros três meses, fizemos Ulpan no Kibutz Regavim, que, definitivamente, não estava preparado para receber a nossa turma. Apesar disso, foi um tempo de adaptação, da kvutzá se conhecer melhor, das primeiras aventuras exploratórias pelo país, de aprender a língua e que se come salada no café da manhã. Foi um tempo divertido e sem muito comprometimento, o kibutz não prestava muita atenção na gente, a gente aproveitava a deixa e ia pra praia depois do turno da madrugada na fábrica de plástico injetável ou trabalhava de biquíni (parte de cima) para aproveitar o sol enquanto catava pedras no campo.

Nos próximos três meses, fomos para Lotem, um kibutz jovem que, apesar de nos receber de braços abertos, não foi paixão à primeira vista pra muitos da kvutzá. Era longe, isolado no norte, difícil de entrar e sair e, o pior, não tinha piscina. No meio do

caminho, o Kibutz Bror Chail fez uma campanha junto à Agência Judaica para levar a nossa kvutzá pra lá e, assim, acabou dividindo a kvutzá pela primeira vez. Dezoito foram, nove ficaram, eu entre eles.

Pra mim, Lotem era o mais perto de vivenciar a verdadeira experiência socialista, era um kibutz formado por pessoas da cidade que decidiram pela vida comunitária, não nasceram nela. A gente nunca foi tratado como kvutzá shnat, nossos quartos, salários e trabalhos eram iguais aos dos jovens membros, e os que ficaram tinham todos os privilégios dos moradores. Foi um período mágico, de viver de verdade a vida de um kibutzni.

A turma de Bror Chail, pelo que a gente soube, aproveitou bastante a vida por lá.

Todo mundo muito feliz.

Nos últimos quatro meses, nova divisão, já esperada. Naquela época, o programa tinha duas partes, Shnat e Machon, com atividades diferentes. Assim, metade da kvutzá foi realizar diversos projetos e viajar bastante, e metade foi estudar em Jerusalém.

Pra turma do Machon, não foi fácil voltar à sala de aula depois do tempo em que vivenciamos tantas coisas diferentes no período dos kibutzim. As aulas eram em espanhol, os argentinos e os uruguaios eram maioria e estavam em outro patamar em relação aos conhecimentos sobre política israelense ou qualquer outro tema que abordavam nas aulas.

Aos poucos, fomos entrando no clima de estudantes novamente e, o melhor de tudo, tinhá-



Em cima: Diana Dziegiecki, Einat Falbel, Valerie Engelsberg, Márcia Goldspan, Daniela Knecht, Renata Mesel, Lana Tockus e Sally Tuchmager.
Em baixo: Ilana Lerner, Lorena Melnick e Shirley Haint.

mos a mítica Jerusalém aos nossos pés para explorar. Nesse tempo, a Lorena começou a ter dores de cabeça muito fortes e foi um período difícil pra ela e pra todos nós, que não sabíamos como ajudar. Muitas consultas, cartelas de Acamol, exames foram feitos durante um mês inteiro atrás de um diagnóstico. Nada.

Em outubro, no feriado de sucot, todo mundo foi pro Sinai, menos eu e ela. Eu estava com meus pais, e ela achou melhor ir descansar na casa dos primos em Bror Chail.

Na volta do feriado, dia 10 de outubro, nossa vida mudou pra sempre.

A Lorena foi operada, foi a primeira notícia, um baque. A Lorena não está bem. Um abismo.

Foram 5 dias torturantes, de muita tristeza, muita angústia, incerteza, esperanças, de idas e vindas ao hospital de Beer Sheva. Um período nebuloso onde as lembranças são muito doídas, são pesadelos. Tio Simão e Tia Tônia chegaram.

No dia 15, nosso medo se concretizou, o fim da batalha, a grande derrota para todos nós. E acabou.

Impossível descrever o que se passou na cabeça e no coração de cada um de nós. A Lorena era muito especial pra todos, inquestionavelmente. A Lorena era a nossa Lore. A melhor amiga de todos nós. A melhor...

Ela tinha 18 anos, e eu nunca tinha visto a Lore tão feliz. A gente não entendia e não acreditava que isso podia ter acontecido.

Foram dias de luto intenso, de incerteza, de tristeza absoluta. Um silêncio absoluto. Cada um com a sua dor.

E ela voltou pro Brasil.

E pra todos nós, como continuar a respirar?

Não foi fácil decidir ficar, não foi fácil voltar ao programa. Todos nós nos perguntávamos "e agora? Qual o sentido nisso tudo?".

Durante um mês, os brasileiros eram robôs, indo tomar café, indo pra aula, chorando no travesseiro, fugindo pra lugares onde se sentiam mais em casa.

Lembro do dia que nós, as meninas, tentamos sair pela primeira vez, fomos ao Jardim das Rosas ao lado do Knesset. O imenso esforço para tentar sorrir nas fotos, para tentar sair do vazio que estávamos sentindo. Não precisávamos dizer uma palavra. Todas espelhos umas das outras.

Mas todos nós, de um jeito ou de outro, fomos e, aos poucos, fomos aprendendo a lidar com a tristeza. Aos poucos, fomos nos permitindo viver.

Nada mais foi igual, nada mais teve o mesmo brilho, mas estávamos ali, aprendendo a mais dura lição de todas, e talvez por estarmos lá, isso tenha sido tão necessário. Não tinha outra saída, era tentar ou tentar.

O final do programa teve um gosto agriadoce. Tínhamos conseguido. Tivemos até momentos bons e divertidos, mas a cicatriz era funda.

Israel foi palco de alegrias imensas, descobertas incríveis e da pior saudade. Foi lá que viramos outras pessoas, que aprendemos a pior verdade sobre a vida, mas foi onde ressurgimos da tristeza para a vida. Israel foi amor e dor.

Não teve nenhum Shnat como o nosso, espero que nunca tenha.

Porém, foi nesse marco, nesse programa que senti todas as emoções possíveis, foi no meu shnat que me senti a pessoa mais fraca e a mais forte. E poder descobrir tudo o que descobri me fez ser o que sou.

A TNUÁ E SUA RESPONSABILIDADE EM SER UM ESPAÇO SEGURO PARA CHAVERIMOT



Por Thomas Steren
e David Igor Rehfeld

Nesta matéria procuramos abordar a responsabilidade do Habonim Dror em ser um ambiente confortável e seguro para todos os chaverimot. Assim, convidamos Thomas Steren e David Rehfeld para contar um pouco de suas experiências como pessoas LGBTQIA+ na tnuá, além de compartilhar suas visões a respeito de como o Dror lida com esse tema na atualidade.

Ser LGBTQIA+ dentro da tnuá nem sempre é fácil. Isso porque as dificuldades de ser “diferente da maioria” sempre vem à tona em ambientes de convivência. Contudo o Habonim Dror, ao longo dos anos, vem se atualizando e tentando ter um maior entendimento sobre o assunto, para assim alcançar a melhor educação possível para os seus chanichimot. O respeito às diferenças dentro de um movimento juvenil judaico como o Habonim Dror é algo essencial. Somos uma tnuá com fins ideológicos voltados para a parte humanística e devemos sempre lutar pelo bem-estar social.

Durante minha experiência tnuati, me deprei com conflitos externos e internos perante a minha sexualidade. As situações que mais me marcaram internamente no Dror, especialmente quando eu era chanich, foram em momentos de atividades com divisão de sexo e estereótipo de gênero. Externamente percebia que muitos se sentiam desencorajados a serem que são, pois o assunto de sexualidade e gênero não era abordado com os chanichimot com a devida importância.

Ao longo dos meus anos na tnuá venho percebendo mudanças em relação ao tratamento de direitos iguais para todos os chaverimot, mas essa

construção de um pensamento igualitário e de atitudes inclusivas não nascem de um dia para o outro. É uma construção diária, seja em sábados de Dror, machanot e eventos da Kehilat Habonim Dror.

Atualmente percebo uma mudança no comportamento dos madrichimot, que iniciaram um processo de capacitação maior sobre sexualidade e gênero com a finalidade de educar da melhor maneira possível os chaverimot. Vejo que existe um movimento muito maior de inclusão tnuati na atualidade, seja através de palestras de profissionais ou da criação de vaadot focadas no tema.

Percebemos que temos um longo caminho a seguir para que o Dror seja um ambiente cada vez mais seguro para as minorias, portanto devemos sempre nos atualizar e tentar entender melhor nossos chanichimot. Assim poderemos ter uma inclusão maior, além de criar uma rede de apoio para nossos chaverimot. Eu acredito que o movimento é capaz de realizar esse tão desejado ambiente seguro e que o futuro do Habonim Dror Brasil trará um espaço cada vez mais seguro para seus chaverimot.

Thomas Steren, Magshim 2020.

Temos o direito de ser iguais quando a diferença nos inferioriza; temos o direito de ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza”.

A frase é de Boaventura de Souza Santos, mas diz muito sobre um dos principais ensinamentos que a tnuá me forneceu: a busca constante pelo o que te faz você.

Valorizar a individualidade de cada um sem abdicar do pensamento coletivo é um desafio constante a ser percorrido por toda a sociedade. Nesse sentido, também deve ser um desafio tnuati.

Há mais diferenças ou mais semelhanças entre os chaverimot da tnuá? O que une cada um dos indivíduos com essa instituição? É a vertente judaica? É o marco social? Existe uma resposta certa? A tnuá, assim como o judaísmo, nos ensina que mais importante do que as respostas, sempre serão as perguntas.

Independente das respostas que se dê a essas perguntas, uma coisa é certa: a necessidade de que elas sempre perpassem pela valorização da diferença. Em uma sociedade que força jovens LGBTQIs a condonarem a si mesmos a viverem uma insuportável negação de suas essências, a tnuá precisa ser um refúgio libertário.

A essência de um movimento juvenil pode ser expressa pela própria junção de palavras: jovens que não se mantêm parados. Jovens que estão em constante transformação. Jovens atentes. Jovens em movimento.

A tnuá forma jovens pensantes, critiques e questionadores. Mas mais importante do que tudo isso, a tnuá precisa caminhar cada vez mais na formação de jovens empátiques, atentes às diferenças, dispostos a valorizar o que cada indivíduo tem de melhor para oferecer e construir um ambiente propício para potencialização da individualidade.

Mais do que falar sobre aceitação das diferenças, é preciso acolher as diferenças. É preciso fazer com que os movimentos juvenis sejam de fato uma segunda casa para seus integrantes – representando em muitos casos o que lhes foi negado na primeira ou outros ambientes comunitários. Mais do que não ser LGBTQfóbica, a tnuá precisa ser anti-LGBTQfobia.

Durante meus anos de chaver, em muitos momentos não visualizei essa preocupação tão intensa. Percebia um direcionamento de energia e forças para outras pautas que julgavam prioritárias e muitas vezes o bem estar de cada um dos chaverimot acabava ficando em segundo plano. Não estou deslegitimando a importância de se dis-

cutir tais pautas, mas me perguntava frequentemente de que adiantava essas discussões acaloradas se cada um daquelas pessoas não estivesse conseguindo expressar de fato quem elas são em sua integralidade.

Paradoxalmente, apesar disso, a tnuá me deu a base e a força necessária para que, em momento posterior, eu conseguisse, com muito mais solidez, me orgulhar de cada uma das minhas identidades: Judeu, gay e eternamente pertencente à Kehilat Habonim Dror. Visualizo na tnuá de hoje em dia um espaço já um tanto quanto diferente de quando eu deixei de ser chaver em 2017. Tenho percebido uma preocupação constante em tornar o ambiente mais inclusivo e acolhedor para todos. Obviamente, ainda há muito o que caminhar, mas creio veementemente que a perspectiva de transformação está direcionada para um lado promissor.

Digo isso porque somente no último ano, mesmo de fora, tive ciência de diversas iniciativas (e pude participar como convidado em algumas delas), que estavam muito distantes e não eram pensadas até poucos anos. A quantidade de conversas sobre diversidade sexual e de gênero na tnuá; a criação de vaadot voltadas especificamente para essa causa; a preocupação de criar grupos diversificados para que todos chanichim*ot possam visualizar referências; a quantidade de pessoas que não precisam se esconder mais e que perderam (ou estão no caminho de perder) o medo de mostrarem uma faceta de suas identidades; o pensamento inclusivo ao formular cada uma das atividades etc.

Creio que a construção de um terreno fértil para essas transformações foi sendo traçado aos poucos, acompanhando a realidade social e comunitária que os circunda. Porém, nos remetendo novamente a importância da formulação das perguntas, cabe refletir qual deve ser a ordem dos fatores: a sociedade deve impulsionar as mudanças da tnuá ou a tnuá deve estar à frente de seu tempo e caminhar na vanguarda da transformação da sociedade?

Parabéns para essa tnuá transformadora! Que venham os próximos 75 anos incrementando cada vez mais a potência inacreditável da juventude!

David Igor Rehfeld, ex- boguer, Shnat 2015

"Se hoje eu faço o que faço - se escolhi o caminho da luta por uma educação crítica e emancipadora- foi por ter essa semente plantada e germinada através do Dror. A tnuá foi a potência que me fez pensar que outras formas de educação eram possíveis: me fez entender as tensões da autogestão, a autonomia da juventude, a força do coletivo. E foi a partir desse grande caldo, que puto até hoje minhas escolhas pessoais, éticas, políticas e profissionais."

Giuliana Volfzon Mordente,
Rio de Janeiro, Shnat 2010

"O senso de responsabilidade que temos que ter desde adolescentes, o senso crítico e o elo com o judaísmo e Israel. Sem falar nas amizades que são para a vida toda."

Mauro Gruber Mann (Maurão),
Rio de Janeiro, Shnat 1985

"O Dror influenciou diretamente em todos os meus valores pessoais e até profissionais. Toda a minha forma de me relacionar com os outros, minha empatia, minha visão de mundo, a vontade de ouvir o próximo, a forma de me expressar, de gerir pessoas e de liderar eu aprendi no Dror e sou muito grata por isso!"

Flávia Grupenmacher,
Curitiba, Shnat 2015

"Como Habonim Dror impactou na minha vida? Ele simplesmente me presenteou com uma linda esposa, 2 filhos maravilhosos e milhares de amizades eternas."

André Steren (Esmejor),
Porto Alegre, Shnat 1998

"Amizades de uma vida
e o meu grande amor!!!"

Anete Schickler,
Belo Horizonte, Shnat 1991

"O Dror está presente em todos os âmbitos da minha vida. Minha formação tnuati fez com que o olhar que tenho sobre o mundo seja crítico, a partir de diferentes perspectivas. Minhas atitudes são baseadas na vivência tnuati e no senso de coletividade que o Habonim Dror me deu. Além de que o conteúdo e questionamentos que tive acesso na tnuá, são essenciais na minha vida profissional."

Caroline Beraja,
São Paulo, Shnat 2014

COMO O DROR IMPACTOU A SUA VIDA?

"Sou o Dani Knopfholz, Shnat 98. O Dror está presente na minha vida até hoje. Foi lá que eu aprendi a liderar pessoas, foi onde aprendi a trabalhar em equipe, aprendi a valorizar as diferenças e entendi que fazer as coisas com propósito faz mais sentido e mobiliza muito mais gente. Hoje sou Diretor de Tecnologia do Grupo Boticário e uso todos esses aprendizados diariamente. Sem falar no mais importante: até hoje, meus melhores amigos são aqueles com quem dividi todas as minhas experiências no Dror"

Dani Knopfholz,
Curitiba, Shnat 1998

"O Dror com certeza é parte fundamental de onde eu estou no dia de hoje, me educou como judaísta e com certeza foi o influenciador principal pela minha aliá, até hoje em todos ambientes que eu estou todo mundo sabe e conhece a tnuá."

Ana Luísa Baron Bastos
Porto Alegre, Shnat 2016

"O Dror mudou minha vida! Mudou quem eu sou, a visão que eu tenho do mundo! Dessa forma, mudou todos aspectos da minha vida!"

Amir Leventhal Aronis,
Belo Horizonte, Shnat 2019

"Não tenho dúvida que o Dror foi minha fundação, sou , em boa parte, resultado do que vivi na Tnuá!"

Atila Cordova,
Curitiba, Shnat 2004

"Olí pessoal! Meu nome é Gabriela Sasson Rassi (Lela), tenho 19 anos e estou no dror há 10! Estudo direito na UFPR, estágio na área do direito e trabalho na área de mediação no Museu Do Holocausto de Curitiba. O dror, como para muitos de nós, começou como uma herança de família, um lugar onde iam meus pais, tios e primos. Foi onde conheci meus melhores amigos, cresci como chaniá, madricha e como pessoa. Aprendi muito sobre mim mesma na Tnuá, sobre o grupo e sobretudo, aprendi a questionar a realidade que me cerca; seja no Dror ou fora dele. Hoje em dia, como boqueret, tenho certeza que a educação é a ferramenta que move o mundo e transforma a realidade; sejamos a mudança!"

Ale Vehagshem"
Gabriela Sasson Rassi (Lela),
Curitiba, Shnat 2018

Nesta página trazemos, em uma palavra, o que é Dror para nossos chaverimot e ex-chaverimot.

UNIÃO EDUCAÇÃO

APRENDIZADO

VIVER JUDAÍSMO

AMIZADE

FAMÍLIA FORMÇÃO

COEXÃO

MACHANE

JUVENTUDE

REALIZAÇÃO

criatividade

CONSTRUÇÃO

DIVERSÃO

AGRADECIMENTOS



O **Habonim Dror Snif Porto Alegre** agradece a todos os colaboradores do Crowdfunding realizado em 2017 para a reforma da nossa querida sede, após incêndio ocorrido em 2016. Graças a cada um de vocês foi possível o retorno à casa e a continuidade da nossa história, tradição e ideologia.

Portanto, damos também o nosso muito obrigada(o) aos integrantes da Casa De Cultura Ber Borochov, que nos dão muito suporte em diversos momentos: Marcos Poziomyck, Gabriel Arnt, Yaffa Rabeno, Sabrina Gitz, Gabriel Bastos, Felipe Gontow, Leonardo Vissoky, Rafael Moris, Betina Nemetz, Daniela Caraver, André Steren, Paula Astarita, Gustavo Soroka e Guilherme Lemos.

Agradecemos de coração à coreógrafa da nossa Leakat, Daniela Caraver, por tanta dedicação, esforço, apoio e amor.

Agradecemos também a pessoas muito especiais que tanto nos auxiliaram: Simone Wainer, Aline Poziomyck, Luis David Leventhal e integrantes do grupo Paulina Kuperstein.

O nosso muitíssimo obrigada(o) a todos os pais e responsáveis dos nossos(as) chaverimot que acreditam na importância da tnuá.

O **Habonim Dror Fortaleza** agradece imensamente à Sociedade Israelita do Ceará pelo apoio recebido nesses primeiros anos de atividades. Nosso compromisso é fortalecer e dar continuidade a uma identidade judaica e sionista para todos os jovens de nossa comunidade.

O **Habonim Dror Rio de Janeiro** tem orgulho de ser a tnuá de maior representatividade no estado, reconhecida pela qualidade de sua educação e por formar líderes sionistas para a comunidade do Rio e fora dela. Agradecemos à Casa de Cultura Habonim Dror pelo apoio incondicional e, em especial, às famílias:

- . Akstein; . Gorodovitz;
- . Bakman; . Halfim;
- . Barat; . Jablonski;
- . Bari; . Kreszow;
- . Barzellai; . London;
- . Bines; . Mann;
- . Blumberg; . Mayer Fontenelle;
- . Brajterman; . Miragaya;
- . Brassay; . Mizrahi;
- . Cohen; . Morelenbaum;
- . Cuperstein; . Moritz;
- . Engelender; . Saul Zebulun;
- . Epstein; . Stern;
- . Ferman; . Vaisman;
- . Furrer; . Velmovitsky;
- . Gheiner; . Zajdenweber;
- . Goldfeld; . Zajler Grinstein.

O **Habonim Dror Recife** agradece à toda nossa comunidade, através da Federação Israelita de Pernambuco, pelo apoio e incentivo constante às nossas atividades. O apoio de todos é o que nos dá força em todos os momentos. Especialmente, agradecemos às famílias:

- . Azoubel;
- . Berenstein;
- . Bogater;
- . Cherpak;
- . Ferreira;
- . Gandelsman;
- . Gedanken;
- . Haiut;
- . Katz;
- . Kaufman;
- . Knecht;
- . Kozmhinsky;
- . Landen;
- . Lpector;
- . Ludmer;
- . Lutherman;
- . Naslavsky;
- . Noya;
- . Ribemboim;
- . Rosenthal;
- . Santos;
- . Scherb;
- . Selim;
- . Shechtman Sette;
- . Sitkovsky;
- . Steinberg;
- . Sznejder;
- . Tachlitsky;
- . Torban;
- . Wolfenson;
- . Zaicaner.

O **Habonim Dror Manaus** agradece à comunidade judaica da Amazônia, especialmente aos que passaram pelo Dror, como chaverimot ou pais, e ao Comitê Israelita do Amazonas, por todo o apoio logístico e moral.

O **Habonim Dror São Paulo** agradece à todos aqueles que sempre foram nossos parceiros, que acreditam e apoiam uma tnuá independente e sionista que acredita na educação como a maior ferramenta de mudança. Agradecemos à Casa de Cultura Moshe Sharett e a todas famílias que nos ajudam, especialmente à:

- . Leo Zveibil;
- . Mila Calo;
- . Perola Kuperman
- Lancman;
- . Sandra Raca;
- . Valerie Bekhor;
- . David Bekhor;
- . Eran Sil;
- . Jorge Appel;
- . Deborah Zveibil;
- . Shirley Haint Man;
- . Leo Bueno;
- . Leana Naiman Bergel;
- . Myriam Dimenstein;
- . Diego Man;
- . Jaques Lerner;
- . Leon Raca;
- . Jeanice Brik;
- . Fajga Kuperman;
- . Jaime Carlik;
- . Daniel Jjzbeck;
- . Instituto Klein;
- . Carol Beraja;
- . Danni Mintentag;
- . Joyce Kacelnik;
- . Thomas Tevjovits;
- . Teeve Rabinovici;
- . Thais Kuperman
- Lancman;
- . Sima Busquila;
- . Daniel Dziegiecki;
- . Rachel Raca Bronberg.
- . Denise Cohen
- . Fabio Sznifer
- . Felipe Raca
- . Marcelo Schmiliver
- . Marcos Falbel
- . Marjorie Ejzenbaum
- Duda
- . Matia Falbel
- . Mauro Berenholc
- . Meyre Klajner





Federação Israelita do Estado de Minas Gerais



O **Habonim Dror Curitiba** agradece a Casa de Cultura Beit Yaacov, que ano após ano, auxilia o nosso movimento, à Comunidade Israelita do Paraná, à Federação Israelita do Paraná e, em especial, às famílias que sempre nos apoiam:

- . Abouaf; . Krajden;
- . Achterman; . Krieger;
- . Barg; . Krigsner;
- . Baril; . Kuperstein;
- . Bergman; . Lerner;
- . Brodeschi; . Lichtenztejn;
- . Bruck; . Lipatin;
- . Brunstein; . London;
- . Bueno; . Miller;
- . Camlot; . Pachman;
- . Chamecki; . Paciornik;
- . Coifman; . Reicher;
- . Czerny; . Rigler;
- . Faiguenblum; . Rotemberg ;
- . Feldman; . Rotenberg;
- . Fisbein; . Schulmann;
- . Fiselovici; . Slud;
- . Furman; . Soifer;
- . Goldenstein; . Sommer;
- . Grupenmacher; . Szwarc;
- . Grynbaum; . Tessler;
- . Hasson; . Troib;
- . Iankilevich; . Weishof;
- . Jugend; . Zindeluk;
- . Kleiner; . Zugman.
- . Knopfholz;

O **Habonim Dror Campinas** gostaria de agradecer ao apoio de sempre recebido pela Sociedade Israelita Brasileira Beth Jacob de Campinas e, especialmente, para as famílias:

- . Domec Strachman; . Freudenhaim;
- . Fagundes; . Riffo Wechsler.
- . Vichy Freire de Mello;

O **Habonim Dror Belo Horizonte** agradece imensamente a todos os ex Bogrim, pais de chanichim, famílias queridas e instituições que nos dão tanto apoio! Nossa muito obrigado(a), especialmente, a todos os apoiadores desse projeto, famílias que ajudaram e contribuíram em um momento tão difícil de pandemia:

- . Alberto Boczar e Família; Diamante Waisberg;
- . Beny Cohen e família; . Marcos Zagury;
- . Daniel Korman e Família; . Mauro Geber e Família;
- . Família Leventhal Aronis; . Nira Goldstein;
- . Fany Doris Schwartzman . Federação Israelita do e Gabriel Cohen; Estado de Minas Gerais.
- . Gabriela e Henrique

A Federação Israelita do Paraná, com muita honra saúda, o Habonim Dror, pela passagem dos seus 75 anos de existência.

Comprimentos e gratidão aos membros dessa valorosa Entidade Juvenil, o qual muito nos orgulha, pelo excelente trabalho sionista, fraternal e solidário, junto a sua área de atuação.

Certamente, que assim como já vem ocorrendo, no decorrer dos anos, os membros do DROR, estarão se integrando a outros segmentos da nossa Kehilá, permitindo a continuidade das suas missões.

“DROR NOSSO BRILHANTE”

Isac Baril

Presidente

Federação Israelita do Paraná



“Parabéns Dror da família Goldfajn”

Conteúdo organizado pela Kvutzá de Magshimim 2020 (Guiborei Atid), com auxílio de Guilherme Engelender, Dafna Akstein e Hanagá Artzi 2020.

Projeto gráfico e editorial por Alex Zajler Grinstein.

Obra composta em Tahoma, Maiden Orange e tipografia manual. Versão virtual, primeira edição, publicada em outubro de 2020.

HABONIM DROR APRESENTA:



MESSIBAIT
75 ANOS